

ANDOVER-HARVARD LIBRARY



AH 4SG1 X



925

Pereira



925
P. 1111



Harvard University
Library of the Divinity School

Bought with money

GIVEN BY

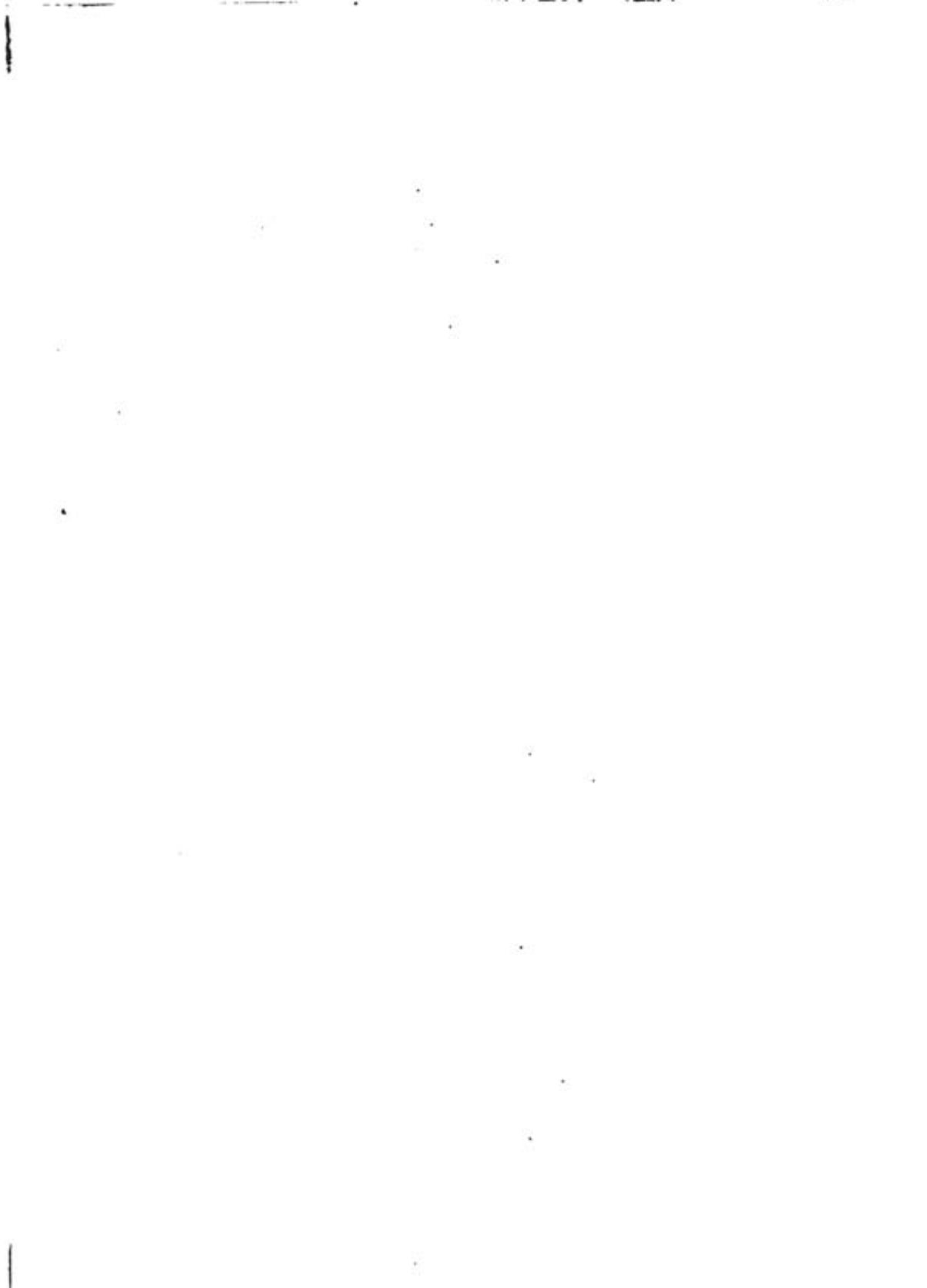
THE SOCIETY

FOR PROMOTING

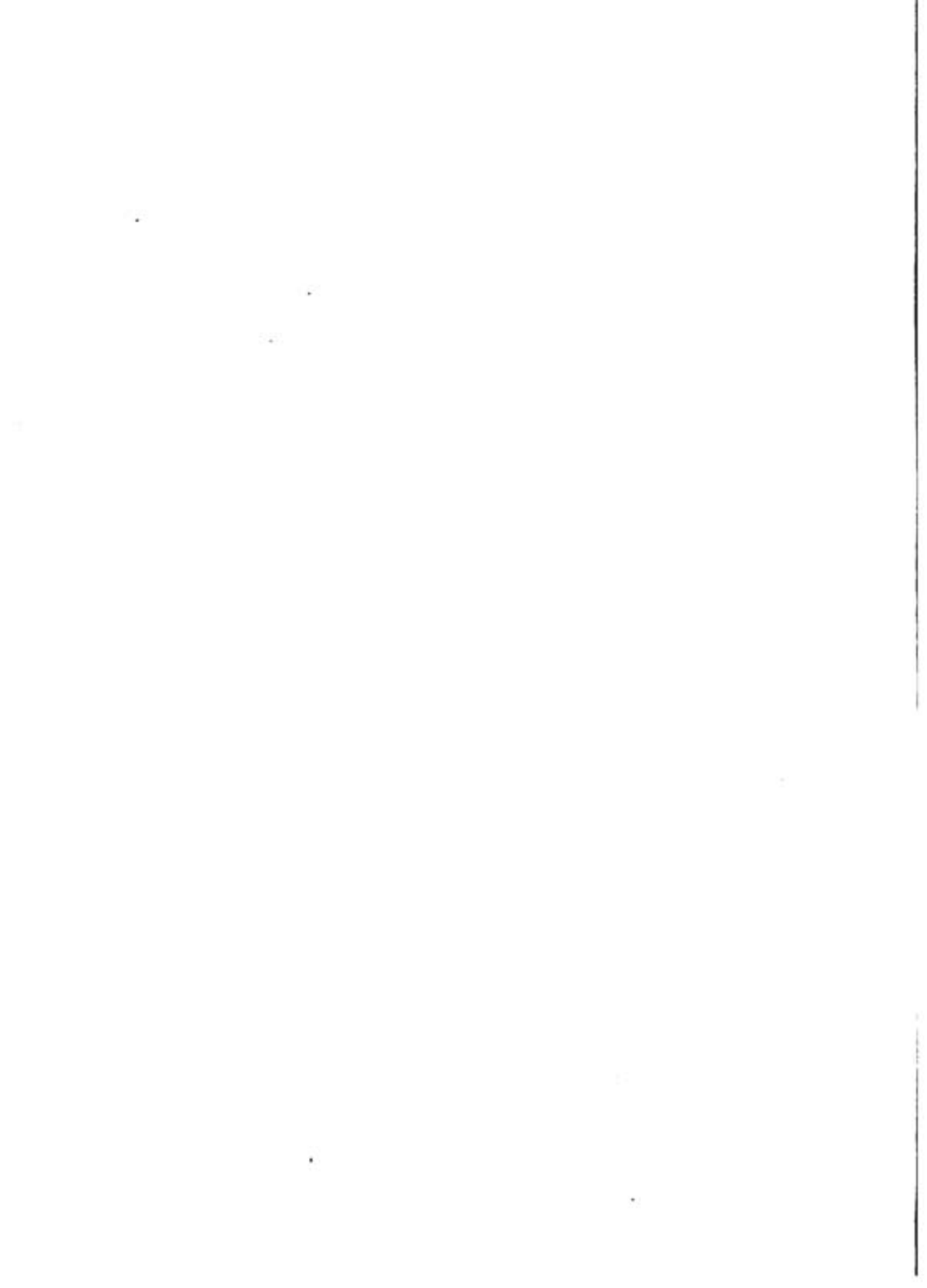
THEOLOGICAL EDUCATION

Received Mar. 8, 1905.





A VIDA
DE
S. PAULO DE THEBAS
PRIMEIRO EREMITA



A VIDA
DE
S. PAULO DE THEBAS

PRIMEIRO EREMITA

SEGUNDO A VERSÃO ETHIOPICA

POR

Francisco Maria Esteves Pereira
=



COIMBRA
Imprensa da Universidade
1904

Divinity School

Separata do *Instituto*, vol. 51.*

A VIDA DE S. PAULO DE THEBAS

PRIMEIRO EREMITA

SEGUNDO A VERSÃO ETHIOPICA

INTRODUÇÃO

A Vida de S. Paulo de Thebas, o primeiro dos eremitas christãos, é uma das hagiographias que mais se divulgou por toda a christandade. No Oriente tornou-se conhecida por meio de diversas redacções em grego e versões em syriaco, copto, arabe e geez, e provavelmente em armenio e georgiano, isto é, nas principaes linguas falladas na idade media por todas as communidades christãs orientaes. No Occidente vulgarizou-se por meio da redacção feita em latim por S. Jeronymo, a qual teve um successo immenso durante muitos seculos, e que, depois que deixou de ser comprehendida do povo naquella lingua, foi traduzida em quasi todas as vernaculas das nações da Europa central e occidental (1).

A causa da grande diffusão d'esta pequena obra litteraria não foi tanto a sua importancia para a historia das origens do ascetismo christão, como o seu alto valor esthetico; a sua narração, posto que singela, é cheia de candura e captivante

(1) Uma notavel versão portuguesa, provavelmente feita no seculo xv, foi publicada no *Flor sanctorum em linguaem portugues*, impresso em Lisboa em 1513 (fl. 23 v a 26 r).

para as gentes simples e credulas; a sua disposição geral é intensamente dramatica; e algumas das suas situações prestam-se de um modo singular a representações figuradas, que não só no Egypto foram empregadas na ornamentação das egrejas, e entre ellas, como era natural, d'aquella que foi edificada no proprio local, onde, segundo é crença, o eremita morreu e foi sepultado (1); mas tambem na Europa, depois da renascença, pintores notaveis procuraram na mesma hagiographia motivos para admiraveis quadros, que ainda hoje illustram as galerias dos melhores museus (2).

Mas outras razões augmentam ainda o valor d'esta hagiographia. No estudo das suas diversas redacções e versões surgem alguns problemas litterarios, relativos á determinação da redacção original, e da epocha em que foi composta, ás relações entre as diversas redacções e versões, e ás origens dos episodios referidos na mesma hagiographia; e posto que d'estes problemas se tenham occupado muitos eruditos, nem todos já receberam solução satisfatoria.

A versão ethiopica da Vida de S. Paulo de Thebas, que constitue o objecto d'este estudo, é sem duvida de todas as versões conhecidas a mais interessante, não só pelo seu conteúdo, que é mais desenvolvido do que nas outras versões e

(1) Sicard, nas *Lettres édifiantes et curieuses*, t. 1, Paris, 1838, p. 503; Bidez, *Deux versions grecques inédites de la Vie de Paul de Thèbes*, p. xlv, nota 1; A. Butler, *The ancient Coptic Churches of Egypt*, t. 1, p. 102 e 140.

(2) Real Museu de Pintura de Madrid, quadros n.º 72 de José Ribera, 87 de Velasquez, 692 de Sachi, 1356 de D. Teniers; Museu do Louvre, n.º 1723 de Ribera; Museu de Dresde, dois quadros de Ribera; Museu de Munich, um quadro de Velasquez; Museu de Bellas Artes de Lisboa, n.º 203, de Domingos de Sequeira. Na collecção de pinturas dos Srs. Duques de Palmella ha um quadro representando S. Paulo, eremita, original de Guido Reni (*Novidades*, de 4 de novembro de 1903).

redacções, contendo tradições que são da mais alta importância para a historia das relações entre o Oriente e o Occidente na idade media; mas tambem pela sua intima affinidade com aquella redacção, que é considerada como a original, ou mais proxima da original; e, emfim, pela pureza e elegancia da sua linguagem. Esta versão ha de contribuir para esclarecer certas questões, que ha muito tempo são discutidas, e talvez indicar o verdadeiro caminho a seguir para chegar á solução de alguns dos principaes problemas, que a respeito da mesma hagiographia se têm formulado. Augmenta ainda mais o seu interesse a circumstancia de que a versão ethiopica era até agora inedita, está contida em um unico manuscripto muito antigo, e ainda ha pouco tempo fóra do alcance, dos que cultivam o estudo das litteraturas orientaes.

Redacções gregas

Da Vida de S. Paulo de Thebas são conhecidas quatro redacções gregas:

1. Redacção *Ga* (1).

Esta redacção é contida nos seguintes codices gregos:

1. *Vossianus* 46 (fl. 115 v-120), do seculo x;
2. *Vaticanus* 866 (fl. 224-226), do seculo xii;
3. *Vaticanus* 1589 (fl. 17-20), do seculo xi;
4. *Coislinianus* 282 (fl. 202-205), do seculo xi;
5. *Taurinensis* 116, c. v. 7 (fl. 82 v-86 v), do seculo xvi;
6. *Vaticanus* 1638 (fl. 237-245), do seculo xi;

(1) Bidez, *Deux versions*, p. ix-xiii.

7. *Vaticanus* 2022 (fl. 224-232), dos seculos XII-XIII;
8. *Cod.* 219 da Bibliotheca patriarchal de Jerusalem (fl. 126 v-130 v);
9. *Cod.* 340 da Bibliotheca synodal de Moscou, escripto no anno de 1345.

Esta versão foi publicada por Bidez (1).

2. Redacção *Gb* (2).

Esta redacção é contida nos seguintes codices gregos:

1. *Patmiacus* 273 (fl. 51 v-57), do seculo XI;
2. *Parisinus* 914 (fl. 271-276), do seculo XII.

Eustratios, discipulo de Eutychios (+582) cita dois extractos d'esta redacção no seu *Logos anatrēpticōs*, o qual foi em parte publicado por L. Allatius (3).

Esta redacção foi publicada por Bidez (4).

3. Redacção *M*.

Esta redacção é contida no codice *Monacensis graec.* 276 (fl. 94-97), do seculo XII; foi publicada, sem o fim, nas *Analecta Bollandiana* (5), segundo uma cópia que possuiu Rosweyde, e que Bollandus tinha traduzido em latim e publicado nas *Acta Sanctorum* (6).

4. Redacção *F*.

Esta redacção é contida no codice *Vindobonensis histor. gr.* xxxviii (fl. 237 v-247), e em grande numero de manus-

(1) Bidez, *Deux versions*, paginas pares de 2 a 32.

(2) Bidez, *Deux versions*, p. xiv.

(3) L. Allatius, *De utriusque ecclesiae... perpetua in dogmate de purgatorio consensione*, Romae, 1655, p. 336 e seq.

(4) Bidez, *Deux versions*, paginas impares de 3 a 33.

(5) *Analecta Bollandiana*, t. II, p. 561-563.

(6) *Acta Sanctorum*, Januarii, t. I, p. 603-604.

criptos hagiographicos das bibliothecas de Roma e de Paris, e entre outros no *Chisianus* R VIII 49, *Baroccianus* 183, *Monacensis* 226, e em um manuscripto de Halki (Bibliotheca da Escola commercial de Chalcis). Esta redacção remonta talvez a Simeon Metaphrastes (1).

Esta redacção foi publicada por Fuhrmann e P. Khell nas *Acta sincera sancti Pauli Thebaei* (2).

Redacção latina H

S. Jeronymo compoz em latim a *Vita sancti Pauli primi eremitae*, pelos annos de 375 de J. C., quando residia em Chalcis, e antes de ter estado no Egypto. D'esta redacção ha numerosas cópias em manuscriptos, um dos quaes, existente em 1735, em um convento de Verona, era datado do anno de 517 (3). A redacção latina foi publicada em todas as edições das obras completas de S. Jeronymo, na de Erasmus, dos Benedictinos de Saint-Maur, de Vallarsi (4), e de Migne (5), e ainda por Rosweyde nas *Vitae Patrum* (6), por Bollandus nas *Acta Sanctorum* (7), e por Fuhrmann nas *Acta sincera sancti Pauli Thebaei* (8).

(1) Bidez, *Deux versions*, p. xxxii e xxxiii.

(2) Mathias Fuhrmann et Khell, *Acta sincera sancti Pauli Thebaei*, Neostadii Austriae, 1760.

(3) Bidez, *Deux versions*, p. v e vi; Nau, *Le texte grec original* nas *Analecta Bollandiana*, t. xx, p. 121.

(4) *S. Hieronymi opera omnia*, ed. Vallarsii, t. II, c. 1-12.

(5) Migne, *Patrologia latina*, t. xxiii, c. 17-28.

(6) Rosweydii, *Vitae Patrum*, p. 17-26.

(7) *Acta Sanctorum*, Januarii, t. I, p. 604-607.

(8) Fuhrmann, *Acta sincera*, p. 33-162.

Versão syriaca S

A versão syriaca da Vida de S. Paulo de Thebas existe nos seguintes manuscriptos (1):

Do Museu Britannico, *add.* 12.173, do século VI ou VII; *add.* 14.653; *add.* 14.730; *add.* 14.732; *add.* 17.177, do século VI; *orient.* 5021.

Da Bibliotheca Nacional de Paris: *ms. syriaco*, n.º 317, do século XVIII.

A versão syriaca foi publicada pelo R. Paul Bedjan nas *Acta Martyrum et Sanctorum* (2).

Versão coptica K

A versão coptica da Vida de S. Paulo de Thebas é contida em um manuscripto coptico da Bibliotheca do Vaticano, *Codex Vaticanus Copticus*, n.º LXIV, o qual foi trazido do Egypto por I. S. Assemani (3).

Este manuscripto é um codice de pergaminho, do formato de folha, e tem 182 folhas. A Vida de S. Paulo de Thebas está nas folhas actualmente numeradas 31 a 39 (4). Estas folhas tem no alto das paginas a seguinte paginação em letras copticas:

Fl. 31, pag. 85, 86; fl. 32, pag. 87, 88; fl. 33, pag. 89, 90; fl. 34, pag. 91, 92; fl. 35, pag. 93, 94; fl. 36, pag. 95, 96;

(1) Bidez, *Deux versions*, p. xv; Nau, *Le texte grec original*, nas *Analecta Bollandiana*, t. xx, p. 123.

(2) P. Bedjan, *Acta Martyrum et Sanctorum*, t. v, p. 561-572.

(3) *Codices Coptici Bibliothecae Vaticanae*, na *Scriptorum veterum nova collectio*, edita ab Angelo Maio, t. v, P. II, p. 159.

(4) *Codices Coptici*, ibidem, p. 159.

fl. 37, pag. 97, 98; fl. 38, pag. 99, 100; fl. 39, pag. 101, 102. Infelizmente a folha actual 32, pag. 87, 88, foi arrancada (1).

Este manuscrito é do século ix ou x, ou talvez do século xi (2).

D'este manuscrito fez Tuki uma cópia da Vida de S. Paulo de Thebas, a qual está depositada no Museu Borgia, e foi descripta por Zoega no *Catalogus Codicum Copticorum manuscritorum* (3).

A versão coptica é escripta em dialecto boheirico (4), e tem por titulo: Esta é a vida do abba Paulo, o santo anachoreta (5).

O texto coptico d'esta versão, com traducção em francez, foi publicado por Amélineau na *Histoire des monastères de la basse Égypte* (6).

Versão arabica A

A versão arabica da Vida de S. Paulo de Thebas é contida em um manuscrito arábico da Bibliotheca Nacional de Paris, *ms. arabe*, n.º 257 (*anciens fonds*, n.º 145, *Colbert*, n.º 2768). Este manuscrito é um codice de papel; tem 224 folhas de 0^m,295 de altura e 0^m,205 de largura; cada pagina

(1) Amélineau, *Histoire des monastères*, p. 1-14 e p. vi. No Codice Coptico do Vaticano, n.º LXIV, a folha 32, que contém as pag. 87 e 88 da antiga numeração, foi arrancada, e d'ella não resta senão um pedaço na parte inferior, no qual estão escriptas poucas palavras; mas não falta senão uma folha. Na cópia de Tuki existe a mesma lacuna. (Carta do Prof. Guidi).

(2) *Codices Coptici*, ibidem, p. 160; Amélineau, *op. cit.*, p. 160.

(3) Zoega, *Catalogus Codicum Copticorum*, Romae, 1810, p. 10-11.

(4) Bidez, *Deux versions*, p. xv, nota 1.

(5) Amélineau, *Histoire des monastères*, p. 1.

(6) Amélineau, *Histoire des monastères*, p. 1-14.

tem 23 linhas (1). O codice foi escripto no anno de 7181 da era do Mundo (1673 de J. C.), e o seu conteúdo foi copiado de outros manuscriptos mais antigos, se se dá credito á seguinte nota escripta em um papel ligado á cobertura, e que parece ser devida ao agente francez, que fez copiar o manuscripto para Colbert: «Liure qui a esté tiré des anciens Liures de l'Église de Damas où sont les vies de S. Antoine, S. Saba et autres belles vies et sermons» (2).

Esta versão tem por titulo: *Vida de S. Paulo da Thebaida, primeiro eremita*, e está nas fl. 147 a 149 (3).

Esta versão é inédita; mas Nau deu noticia d'ella e a traducção de algumas passagens nas *Analecta Bollandiana* (4).

Versão ethiopica E

A versão ethiopica da Vida de S. Paulo de Thebas tem por titulo: *Gadla abba Pavli*, Lucta espiritual do abba Paulo. D'esta versão é conhecida uma unica cópia, que é contida no preciosissimo manuscripto n.º 60 da collecção de Antoine d'Abbadie.

Este manuscripto é um codice de pergaminho; tem 78 folhas de 0^m,24 de altura e 0^m,17 de largura (5). Os cadernos, formados por cinco folhas duplas, são cosidos com nervos; o volume é encadernado em pranchas de madeira cobertas de couro (6). As folhas não tem numeração.

(1) De Slane, *Catalogue des manuscrits arabes de la Bibliothèque Nationale*, ms. n.º 257.

(2) Nau, *Le texte grec original*, nas *Analecta Bollandiana*, t. xx, p. 155.

(3) De Slane, *op. cit.*, ms. 257.

(4) *Analecta Bollandiana*, t. xx, p. 155-156.

(5) A. d'Abbadie, *Catalogue raisonné de manuscrits éthiopiens*, p. 71.

(6) A. d'Abbadie, *op. cit.*, p. xii.

Este manuscrito comprehende (1):

1. *Gadla abba Pavli*, Lucta espiritual do abba Paulo; 17 folhas, das quaes uma está em branco;

2. *Gadla abba Entones*, Lucta espiritual do abba Antonio; 61 folhas, das quaes duas estão em branco.

Na parte, em que é contida a *Gadla abba Pavli* (pag. 1 a 31), cada pagina tem duas columnas; cada columna tem 20 linhas, excepto as das paginas 2, 3 e 4, que teem 19 linhas; a primeira columna de pag. 7, que tem 19 linhas; e a primeira columna de pag. 28, que tem 22 linhas. Cada linha tem 5 a 8 letras.

A escripta do manuscrito é de grandes letras; o foliculo de *lo* não tem pediculo; a parte inferior das letras *mai, ain, sappā*, e a superior das letras *yaman, dant*, é angulosa, e não curva; a haste anterior das letras *hoy, bet, zay*, e as hastes das letras *tavi, yaman*, não são rectas, mas curvas com a concavidade voltada para a esquerda. O fim dos periodos é indicado no texto pelo signal de quatro pontos (*nateb*), ou por este accrescentado de cinco pontos em quiconce; e na margem esquerda da columna por quatro pontos dispostos em losango, sendo o da direita prolongado por um traço (2).

Esta cópia é do fim do seculo xiv, ou do principio do seculo xv.

O manuscrito é sufficientemente correcto. A cópia, que parece ter sido feita por um escrevente ouvindo-a dictar a outro, foi revista; algumas letras, que primitivamente tinham sido escriptas erradamente, foram raspadas, e escriptas correctamente pelo mesmo escrevente; e as letras que haviam sido omittidas por inadvertencia, foram escriptas nas entre-

(1) A. d'Abbadie, *op. cit.*, p. 71.

(2) Esta indicação marginal do fim dos periodos é usada em alguns manuscritos copticos.

linhas pelo mesmo escrevente. Uma emenda e additamento na segunda columna da pagina 21 parece ter sido feita em epocha posterior e por outro escrevente.

A linguagem da *Gadla abba Pavli* é o geez puro, sem mistura de palavras ou phrases das linguas modernas de Ethiopia, amarinha, tegrinha e tegré; contém algumas palavras raras: *děquënděquě*, *věfuy*, *qāhqěha*; e duas, que não são mencionadas nos dictionarios: *avasevasu* (em grego *eseion*) e *askafē* (em grego *scapheion*).

As fórmas grammaticaes são geralmente correctas; notam-se o alongamento da vogal das letras aspiradas e gutturaes, a permutação das aspiradas e das sibilantes, e a confusão dos generos e dos numeros. Uma particularidade é digna de menção; como é uso, o adjectivo precede geralmente o substantivo; do mesmo modo succede com a proposição relativa equivalente a um adjectivo.

Redacção original, e relação entre as diversas redacções e versões (1)

Na Vida de S. Antonio, escripta em grego e attribuida a S. Athanasio, arcebispo de Alexandria, e que parece ter sido composta pelos annos de 365 de J. C., o seu auctor diz que apenas refere algumas das acções do grande S. Antonio, e exhorta os seus leitores a interrogar os viajantes provenientes do paiz, em que este santo viveu, para completarem a sua narração.

Este pedido devia ter estimulado a actividade litteraria, que então era grande, dos letrados de Alexandria, e provocar

(1) Nau, *Le texte grec original*, nas *Analecta Bollandiana*, t. xx, p. 149-150.

a composição de algumas obras destinadas a completar e mesmo a rectificar a Vida de S. Antonio. Parece que uma d'estas obras é a redacção grega *Gb* da Vida de S. Paulo de Thebas, a qual teria sido composta pelos annos de 365 a 370 de J. C. O seu auctor, sem duvida egypcio, é desconhecido; mas provavelmente pertenceu ao partido hostil a S. Athanasio, por isso que contradiz formalmente o que se refere na Vida de S. Antonio, affirmando que não foi este o primeiro eremita, mas S. Paulo de Thebas; propoz-se completar e rectificar a Vida de S. Antonio, a qual tomou por modelo, transportando para a sua obra muitos factos, e servindo-se de muitas locuções, que se encontram naquella; e diz que recebeu as noticias dos factos, que refere, dos discipulos de S. Antonio, que sepultaram este santo, e dos quaes elle mesmo as ouviu.

A redacção grega *Gb* gosou de grande favor entre os christãos do Egypto, o que não admira, pois que era o elogio de um santo nacional; e pouco depois da sua composição foi inserta em uma compilação conhecida pelo nome de Paraíso dos Padres; e d'ella citou dois extractos um escriptor do seculo vi, chamado Eustratios, discipulo de Eutychios.

A redacção grega *Gb* diffundiu-se bem depressa pelo Oriente; d'ella foi feita a versão syriaca, que já existia no seculo vi, a versão coptica, que é talvez do seculo ix, a versão arabica, e a versão ethiopica, que é talvez do seculo xiii.

Pelos annos de 368 de J. C., Evagrio traduziu em latim a Vida de S. Antonio, e communicou a sua traducção a S. Jeronymo. É provavel que o mesmo Evagrio enviasse a S. Jeronymo, que então residia em Chalcis, cópia das publicações, que se iam fazendo em Alexandria, e sobre tudo d'aquellas que diziam respeito a S. Antonio; e entre ellas deveria encontrar-se a redacção grega *Gb* da Vida de S. Paulo de Thebas.

Pelos annos de 375, S. Jeronymo traduziu em latim esta

obra, como elle costumava fazel-o desde a sua adolescencia, não trasladando as palavras, mas exprimindo as ideias por um modo de dizer que lhe era peculiar; além d'isso fez algumas mudanças e addições, de modo que a sua redacção latina pareceu uma obra original. Esta redacção diffundi-se bem depressa por todos os christãos do Occidente, entre os quaes teve grande acceitação.

Mais tarde, em uma epocha que se não póde precisar, mas comprehendida entre o seculo v e o seculo ix, um monge latino, pouco sabedor da lingua grega, e que não conhecia o texto grego do Velho e Novo Testamento, reviu a redacção grega *G b* da Vida de S. Paulo de Thebas, com o fim de fazer concordar esta com a redacção latina de S. Jeronymo, e assim compoz a redacção grega *G a*.

A redacção grega *M* deriva da redacção *G a*, da qual é um resumo modificado no genero d'aquelles, que foram insertos nas Synaxarias.

Emfim, a redacção grega *F* é uma paraphrase feita por um auctor desconhecido, que se serviu das redacções *G a* e *G b*.

Indole da versão ethiopica

E' sabido que as vidas dos martyres, e as dos santos que não foram naturaes da Ethiopia, e de que é tão rica a litteratura do mesmo paiz, são versões, mais ou menos paraphrasticas, abreviadas e interpoladas, de obras analogas escriptas em grego, em syriaco e em copto, geralmente feitas por intermedio de uma traducção arabica. Este facto era de prever, porque como a Egreja de Ethiopia desde a sua origem dependeu espiritualmente da de Alexandria, foi d'esta que recebeu as Santas Escripturas e todos os outros livros religiosos, tanto os que eram necessarios para o serviço do culto, como os que eram destinados á instrucção e edificação

dos fieis; e como as versões ethiopicas das vidas dos martyres e dos santos foram feitas em epocha recente, que se suppõe ser a que decorreu desde o seculo xiii ao seculo xvi, deviam ter sido traduzidas do arabe, que na mesma epocha era a lingua vulgar do Egypto (1).

Mas de algumas d'aquellas versões é duvidoso se existiu traducção arabica escripta, ou se a lingua arabe serviu sómente de intermediaria entre o interprete que traduziu o texto grego, syriaco ou coptico, e o escriptor abexim que compoz a versão ethiopica (2).

Em relação á versão ethiopica da Vida de S. Paulo de Thebas ha duas questões que é necessario elucidar: em primeiro lugar saber de qual das duas versões gregas, *Ga* e *Gb*, deriva; e em segundo lugar, se provém directamente do texto grego, ou se de alguma das versões secundarias, syriaca, coptica ou arabica.

Ao primeiro exame da versão ethiopica da Vida de S. Paulo de Thebas reconhece-se que esta versão tem intima affinidade com as versões syriaca, coptica e arabica, e que por tanto provém da redacção grega *Gb*. Com effeito, a versão ethiopica segue muito de perto a redacção grega *Gb*, como a versão syriaca, coptica e arabica; e não contém nenhuma das addições, desenvolvimentos oratorios ou interpollações, que se notam na redacção grega *Ga* e a caracterisam.

Resta agora saber se a versão ethiopica provém directa-

(1) Comtudo algumas versões parecem ter sido feitas directamente do copto (cfr. Conti Rossini, *Note per la storia letteraria abissina*, Roma, 1900, p. 14-15); e A. J. Butler, em 1883, encontrou metade de uma folha de um dictionario coptico e ethiopico na capella de S. Michael no Dyir al-Baramus em Vady Natrun (Nitria), no deserto Libyco. (A. J. Butler, *The ancient Coptic Churches of Egypt*, t. 1, p. 333).

(2) Conti Rossini, *Note per la storia letteraria abissina*, Roma, 1900, p. 13-15.

mente de alguma das versões secundarias, syriaca, coptica ou arabica.

Comparando as passagens da versão arabica, cuja traducção Nau publicou, com as correspondentes da versão ethiopica e com as da redacção grega *G b*, observa-se o seguinte:

1.º A fórma ethiopica dos nomes proprios de pessoas, e caracteristicos d'esta hagiographia, como Paulo, Antonio, Athanasio, Decio, Valeriano e Cornelio, e as dos nomes communs hypocentauro e satyro, não apresentam nenhum indicio de que provenham das fórmas arabicas correspondentes, isto é, nenhum vestigio de troca de letras, a que dá logar a deslocação ou supressão dos pontos diacriticos das letras arabicas.

2.º A versão ethiopica concorda muito mais perfeitamente com o texto da redacção grega *G b*, do que com a versão arabica.

Por estas razões conclue-se, que a versão ethiopica não provém da versão arabica, escripta conhecida. Comtudo algumas palavras da versão ethiopica parecem revelar certa influencia da lingua arabica, e são:

kalea, despir o vestido, tirar os sapatos;

vefuy, perfeito, inteiro;

mâhvat, pedaço de crystal, perolas.

Comparando a versão ethiopica com a versão coptica, e com a redacção grega *G b*, observa-se o seguinte:

1.º A fórma ethiopica dos nomes proprios, Antonio e Decio, é mais proxima da fórma que os mesmos nomes tem na redacção grega *G b*, do que na versão coptica, que é Antôni e Dekias; o nome ethnico Thêbaïos é transcripto na versão ethiopica por Tebyâvi, e na versão coptica tem por correspondente a expressão pirem rês.

2.º Quasi todas as palavras e phrases da versão grega *G b*,

que faltam na versão coptica, existem na versão ethiopica; e inversamente, as que foram addicionadas na versão coptica, faltam na versão ethiopica.

3.º A versão ethiopica concorda em grande numero de phrases mais estreitamente com a redacção grega *G b*, tanto no sentido como na ordem das palavras, do que com a versão coptica.

D'estes factos conclue-se que a versão ethiopica não provém da versão coptica conhecida. Comtudo uma palavra da versão ethiopica revela certa influencia da lingua coptica; a palavra *Pâvli* é a transcripção exacta da fôrma copto-boheirica *Paulê* (1) ou *Pauli* (2), a qual na versão coptica é escripta *Paule*. Provavelmente o auctor da versão ethiopica adoptou aquella fôrma por ser a usada pelos Coptos para designar o primeiro eremita, e para differenciar o seu nome do do Apostolo S. Paulo, cujo nome nos livros ethiopicos tem a fôrma *Pavlos*, que é a transcripção exacta da fôrma grega *Paulos*.

Comparando a versão ethiopica da Vida de S. Paulo de Thebas com a versão syriaca, observa-se o seguinte:

1.º A fôrma ethiopica dos nomes proprios caracteristicos d'esta hagiographia, Paulo, Antonio, Athanasio, Decio, Valeriano, Cornelio, Roma, Grego, Egypcio, e a dos nomes communs, hippocentauro e satyro, é mais proxima da fôrma, que os mesmos nomes têm na redacção grega *G b*, do que na versão syriaca; e não apresentam nenhum indício de que provenham da fôrma syriaca correspondente.

2.º Quasi todas as palavras e phrases da versão grega *G b*,

(1) Amélineau, *La géographie de l'Egypte*, p. 580.

(2) Crum, *Coptic manuscripts brought from the Fayyum*, London, 1893, p. 85.

que faltam na versão syriaca, existem na versão ethiopica; e inversamente, as que foram adicionadas na versão syriaca, faltam na versão ethiopica.

3.º A versão ethiopica concorda em grande numero de phrases mais estreitamente com a redacção grega *G b*, tanto no sentido como na ordem das palavras, do que com a versão syriaca.

D'estas observações conclue-se, que a versão ethiopica da Vida de S. Paulo de Thebas não provém da versão syriaca conhecida.

Comparando a versão ethiopica com o texto da redacção grega *G b*, observa-se o seguinte:

1.º A forma ethiopica de alguns nomes proprios caracteristicos d'esta hagiographia provém immediatamente das formas gregas correspondentes, conservando ainda o vestigio da terminação dos casos:

Dequy, Δεξιου, p. 5.

Ualerinu, Ουαλλεριανοῦ, p. 5.

Qarnanyos, Κορνουλίου, p. 5.

Este ultimo nome mostra que o auctor da versão ethiopica leu ΚΟΡΝΑΝΙΟΥ, que se explica pelas formas intermedias, ΚΟΡΝΙΑΙΟΥ, ΚΟΡΝΗΑΙΟΥ, ΚΟΡΝΑΙΑΙΟΥ, ΚΟΡΝΑΝΙΟΥ.

A forma ethiopica dos nomes proprios biblicos é a que se lê no texto recebido da versão ethiopica do Velho e Novo Testamento:

Elyas, Ἐλίας, p. 3.

Yohanes, Ἰωάννης, p. 3.

Romê, Ῥώμη, p. 5.

Sere, Ἑλληνικός, p. 9.

Geb, Αἰγύπτιακος, p. 9.

Arami, Ἑλλήνος, p. 13.

A fôrma ethiopica dos seguintes nomes proprios provém directamente do grego:

Entones, Ἀντώνιος, p. 13.

Atnâses, Ἀθανάσιος, p. 25.

Têbyavi, Θηβαῖος, p. 5.

A fôrma ethiopica dos seguintes nomes communs provém directamente do grego:

yepaqentavaros (yepoqentâvros?), ἵπποκένταυρος,
p. 13.

sotiros (sâtiros?), σατύρος, p. 15.

askafê, σκαφεῖον; no texto grego πλεκυν, p. 29.

2.º A versão ethiopica corresponde geralmente, palavra por palavra, ao texto da redacção grega *G b*, e muitas vezes as palavras da versão ethiopica conservam a mesma ordem, que as correspondentes do texto de *G b*, ainda que seja contra as regras grammaticas. A versão ethiopica é paraphrastica, sobre tudo quando o seu auctor parece ter comprehendido mal o texto original.

3.º As passagens da versão ethiopica correspondentes a citações do Velho e Novo Testamento foram traduzidas do texto da redacção grega *G b*, e não transcriptas do texto recebido da versão ethiopica do Velho e Novo Testamento; todavia o auctor da versão ethiopica da Vida de S. Paulo de Thebas parece ter tido presente a versão ethiopica do Velho e Novo Testamento.

4.º As phrases do texto da redacção grega *G b*, que não têm correspondentes na versão ethiopica, são em geral desenvolvimentos oratorios, ou julgadas de pouca importancia. A omissão de outras phrases, porém, parece ter uma razão particular.

Notam-se as seguintes omissões:

ἐγὼ νεκρός εἰμι (1).

Οὐαὶ τῇ Ἀλεξανδρείᾳ (2).

ἐγὼ Ἱερώνυμος... τὴν δόξαν αὐτῶν (3).

5.º Na versão ethiopica existem certas passagens, que não tem correspondentes no texto da redacção grega *G b*. As principaes d'estas addições são em resumo:

a. O irmão mais velho de Paulo recusa entregar a este a parte, que lhe pertence por herança, dos bens de seus paes; vão a outra aldeia para submeter a sua causa ao julgamento das auctoridades ecclesiasticas; durante a viagem encontram em uma aldeia o cortejo funebre de um homem rico; Paulo resolve abandonar o mundo, desiste da sua herança, e convence seu irmão a voltar para a sua aldeia.

b. Reflexões de Antonio durante a sua jornada, quando procura a morada de Paulo, e vê pégadas de diversos animaes e de um homem.

c. Paulo offerece a sua parte do pão a Antonio, e este recusa acceitar.

d. Noticia de que o imperador Constantino deu uma tunica ao arcebispo S. Athanasio.

e. Communhão de Paulo e de Antonio.

f. Antonio vai ter com o arcebispo S. Athanasio, e d'este recebe a tunica.

g. Reflexões de Antonio vendo chegar os dois leões.

Como nenhuma d'estas addições existe nas versões syriaca,

(1) Bidez, *Deux versions grecques inédites de la Vie de Paul de Thèbes*, p. 15, l. 9.

(2) Bidez, *op. cit.*, p. 17, l. 2.

(3) Bidez, *op. cit.*, p. 33, l. 12 a 15.

coptica e arabica, conclue-se que ellas foram introduzidas pelo auctor da versão ethiopica, ou que este se serviu de um original mais desenvolvido do que a redacção grega *G b*. Esta ultima hypothese, porém, é pouco provavel, comtudo não é impossivel, porque certas passagens da redacção grega *G b* parecem ser um texto truncado.

Das addições, a primeira, que é a mais importante, tem por fundamento uma tradição conhecida no Egypto, porque é referida na Synaxaria coptica; a segunda, terceira e setima podem ser consideradas como desenvolvimentos oratorios devidos ao auctor da versão ethiopica; a quarta tem provavelmente por fundamento alguma tradição vulgar no Egypto, de que o auctor da versão ethiopica teve conhecimento; a quinta é uma imitação do que se refere nas vidas de outros eremitas, como por exemplo na de Abunafer (1) (Benofer, Onuphrio); a sexta é um desenvolvimento necessario em consequencia da quarta addição.

Do que precede, resulta, que a versão ethiopica da Vida de S. Paulo de Thebas, primeiro eremita, foi feita directamente do texto da redacção grega *G b*, provavelmente em algum mosteiro do Egypto, por um monge abexim com auxilio de outro monge copto, que lhe traduzia em arabe o texto original; além disso o auctor da mesma versão introduziu nella diversos desenvolvimentos oratorios e algumas tradições, que ácerca do mesmo eremita e do seu contemporaneo S. Antonio se contavam entre os Coptos. Não é conhecido o nome do auctor d'esta versão, nem a epocha em que ella foi feita; mas não é anterior ao seculo XIII, e provavelmente não é muito posterior.

(1) Amélineau, *Voyage d'un moine égyptien dans le désert*, p. 15
e 23.

Synaxaria coptica

Além da Vida de S. Paulo de Thebas, existe ainda outro documento importante para a historia do mesmo santo eremita; este documento é o artigo da Synaxaria coptica, correspondente ao dia 2 do mez de amxir, em que na Egreja de Alexandria se faz a sua commemoração. Aquelle artigo contém algumas tradições, que não se encontram, nem nas redacções gregas ou latinas, nem nas versões syriaca, coptica ou arabica da Vida de S. Paulo de Thebas; as principaes differenças são: o santo era natural da cidade de Alexandria; o seu nome era B u l a s, ou B u l a, e o de seu irmão B a t r a s (Pedro); tendo-se levantado discordias entre Paulo e seu irmão ácerca da partilha dos bens, que lhes ficaram de seu pae, e indo ambos ter com o juiz para que julgasse as suas differenças, encontraram no caminho um cortejo funebre, o qual fez tanto abalo no espirito juvenil de Paulo, demonstrando-lhe a vaidade das cousas d'este mundo transitorio, que Paulo desistiu da sua parte da herança, separou-se de seu irmão, e foi morar solitario no ermo; enfim a tunica, em que S. Antonio amortalhou o cadaver de S. Paulo, havia sido dada a Athanasio, arcebispo de Alexandria, pelo imperador Constantino.

A composição da Synaxaria coptica, escripta em arabe, de que existem copias nas Bibliothecas do Vaticano (1) e de Florença (2), e na Bibliotheca Nacional de Paris (3), é no seu

(1) Assemani, *Bibl. Orient.*, t. 1, cod. arab. xviii e xix; Mai, *Scriptorum veterum nova collectio*, cod. arab. lxii, lxiii, lxiv, lxv, t. iv, p. 106 e segg.

(2) *Catal. Cod. Mss. Orient. Bibl. Medic.*, 1742, cod. cxv, p. 164-187.

(3) De Slane, *Catalogue des manuscrits arabes de la Bibl. Nat. de Paris*, supplément arabe n.º 90 (Cat. 256), p. 69.

prologo attribuida a Michael, bispo de Atrib e de Malig. Renaudot (1) conta que no tempo de Cosmas, LIV arcebispo de Alexandria (+ 575 dos Martyres, 859 de J. C.), o governador do Egypto, Muteawakil, exerceu grandes perseguições contra os christãos, impedindo-lhes por todos os modos o exercicio da sua religião; e como faltasse o vinho para celebrar a liturgia, os sacerdotes foram forçados a empregar um liquor, que obtinham espremendo uvas passadas postas em maceração na agua; contudo o mesmo Renaudot accrescenta, que este uso foi depois reprovado por Michael, bispo de Malig, em uma obra que escreveu, e que tem por titulo *Respostas juridicas* (2).

Le Quien (3) refere-se a esta opinião de Michael, bispo de Malig, mas accrescenta que é incerta a epocha em que viveu o mesmo bispo. Segundo Assemani (4), Michael, bispo de Athrib e de Malig, auctor da Synaxaria coptica, viveu pelos annos de 1141 da era dos Martyres (1425 de J. C.); e Dillmann (5) julga muito verisimil que este Michael, bispo de Malig, e auctor das *Respostas juridicas*, seja o auctor da Synaxaria coptica; contudo Vansleb (6) attribue a composição da Synaxaria coptica ao anba Paulo, bispo de Malig, o qual floresceu pelos annos de 1082 de J. C.

(1) E. Renaudotius, *Historia Patriarcharum Alexandrinorum Jacobitarum*, Parisiis, 1713, p. 297-298.

(2) Esta obra parece ser a mesma, que a contida no manuscripto arabico da Bibliotheca Nacional de Paris, n.º 213 (anciens fonds 72). (De Slane, *Cat. des mss. arabes de la Bibl. Nat. de Paris*, p. 54).

(3) Le Quien, *Oriens christianus*, t. II, c. 587-590.

(4) St. E. Assemani, *Bibl. Med. Laurent. et Palat. Cod. manuscriptorum Catalogus*, p. 164; Mai, *Scriptorum veterum nova collectio*, t. IV, p. 93.

(5) Dillmann, *Cat. Cod. Mss. Mus. Brit., pars III, codices aethiopicici*, p. 46, nota a.

(6) Vansleb, *Histoire de l'Église d'Alexandrie*, p. 62, 333 e 335.

Do que precede, parece resultar que a composição da Synaxaria coptica é posterior ao século ix e anterior ao século xv; mas é de presumir que o seu auctor não só tenha utilizado outras obras já existentes, mas também tenha consignado por escripto as tradições oraes, que entre os christãos egypcios corriam ácerca dos santos naturaes do seu país. Em relação aos factos referidos no artigo da Synaxaria coptica, e que não são mencionados em nenhuma das redacções ou versões conhecidas da Vida de S. Paulo de Thebas, não sabemos se o auctor da Synaxaria coptica alcançou a narração dos mesmos factos por alguma obra escripta, de que não ha noticia, ou se apenas a encontrou na tradição oral, que por ventura recolheu dos monges do mosteiro de S. Paulo; seja, porém, como fôr, a tradição dos mesmos factos era corrente no Egypto no principio do século xv, porque Maqrizi também os refere, ainda que resumidamente.

Observações ácerca da Vida de S. Paulo de Thebas

Na Vida de S. Paulo de Thebas observam-se certas particularidades que não se encontram nem nas actas dos martyres do Egypto, nem nas vidas dos monges egypcios; além d'isso alguns episodios da mesma hagiographia não são certamente de origem coptica.

Em seguida se indicam as particularidades, que em nosso conceito merecem mais especial menção; e em relação a algumas d'ellas propõe-se passagens de outras obras litterarias, que lhes são parallelas, sem comtudo affirmar que d'ellas provenham.

1. O episodio, em que se refere o motivo que determinou S. Paulo de Thebas a abandonar o mundo e a viver no ermo, póde resumir-se da seguinte maneira: Paulo era filho

de paes abastados, e na sua infancia recebeu instrucção muito completa; mas tendo encontrado o cortejo funebre de um homem rico, e sabendo, só então, o que era aquelle estranho concurso de gente, e que a morte era condição inevitavel de todos os homens, sem nada lhes aproveitarem as riquezas, o seu espirito juvenil foi profundamente abalado, e deliberou abandonar o mundo, onde tudo é transitorio; deixou a sua familia e todos os seus bens, e fugiu para o ermo, onde foi viver na solidão (1). Este episodio, que se lê na versão ethiopica, não existe em nenhuma das redacções gregas conhecidas, nem na redacção latina, nem nas versões syriaca, coptica e arabica; comtudo foi conhecido dos Coptos, porque é dado, ainda que resumidamente, no artigo da Synaxaria coptica, relativa a S. Paulo de Thebas (2). Este episodio é muito semelhante, se não identico, do que se conta da mocidade do Buddha Sakya Muni, quando, saído pela porta occidental do seu palacio, encontrou um cortejo funebre, assim como é referido na *Lalita Vistara* (3). Comtudo deve observar-se, que este episodio da Vida de S. Paulo de Thebas não foi tomado da Historia de Barlaam e Joasaph, que, como é no-

(1) Uma historia semelhante se contava entre os Coptos a respeito de outro santo. O abba Barsauma, o nu, o anachoreta, era filho de Taban, da cidade de Misr. Seu irmão apoderou-se de toda a herança de seus paes, e Barsauma pensou em deixar o mundo. Primeiramente permaneceu, durante cinco annos, fóra da cidade, imitando a vida de Job; depois morou na igreja de S. Mercurio, em Misr, durante vinte e cinco annos, exercitando-se na pratica do mais austero ascetismo. Em consequencia da sua piedade, alcançou o dom de fazer milagres; morreu no anno de 1033 da era dos Martyres (1317 de J. C.). (Zotenberg, *Catalogue des manuscrits éthiopiens de la Bibliothèque Nationale*, p. 195).

(2) Wüstenfeld, *Synaxarium, das ist Heiligen Kalender der Koptischen Christen*, p. 276 a 278; Amélineau, *Histoire des monastères*, p. vi.

(3) *Lalita Vistara*, trad. de E. Foucaux, Paris, 1884, p. 168 a 170.

torio, é uma adaptação das tradições hindus do Buddha, porque não se encontra naquella historia (1).

2. Nos principaes episodios da Vida de S. Paulo de Thebas, e precisamente nos mais patheticos, figuram diversos animaes, por meio dos quaes Deus exerce a sua acção providencial e benevolente com os personagens da lenda; e são: o corvo trazendo o alimento quotidiano; o hippocentauro balbuciando palavras inintelligiveis (2); o satyro indicando o caminho; a hyena mostrando a gruta; e os dois leões cavando a sepultura. Esta intervenção dos animaes sáo completamente fóra do circulo das concepções dos Coptos; segundo as crenças d'estes, os serviços prestados pelos animaes seriam feitos pelo *anjo do Senhor* (3). Mas uma circumstancia singular se observa nos episodios em que intervêm os animaes, e é que estes vêem ao encontro dos personagens da lenda para os servir, e que os mesmos personagens exercem sobre elles uma tal influencia, que torna mansos os mais ferozes animaes. Uma concepção analoga existe, como é sabido, nas tradições buddhicas; nestas refere-se que o Buddha em certas occasiões deixava dominar em si a disposição da benevolencia para todos os seres do mundo; e os homens e os animaes, sobre os quaes elle fazia incidir um raio d'esta força, tornavam-se maravilhosamente mansos e attraídos para elle (4).

(1) *Vita Barlaam et Joasaph*, cap. v, em Migne, *Patrologia graeca*, t. xcv, Paris, 1864, c. 888 a 895.

(2) Este episodio é muito obscuro; provavelmente está tão alterado, que não é possível reconhecer o seu sentido.

(3) Amélineau, *Contes et romans de l'Égypte chrétienne*, t. 1, p. xxiii e xxvi.

(4) Oldenberg, *Le Bouddha*, trad. de Foucher, Paris, 1894, p. 300.

3. No decurso da narração da Vida de S. Paulo de Thebas estão intercalados quatro distichos, que, apesar de não terem rigorosamente a fôrma metrica de versos, não pôde deixar de se reconhecer nelles bem marcada a divisão das phrases; os distichos são, segundo o texto grego *G b* e a versão ethiopica:

- I. Οὐαὶ τῇ Ἀλεξανδρείᾳ, οὐαὶ τῇ πόλει τῶν ἀσεβῶν,
 ἐν ᾗ συνήχθησαν πάντες οἱ δαίμονες ὅλου τοῦ κοσμοῦ (1).
 alelomu la-hagara rasiân
 haba tagâbu agânenta kuelu âlam (2).
- II. Οὐδεὶς ἔρχεται ἔργιζόμενος,
 καὶ οὐδεὶς κλαίει κατηγυροῦν (3).
 albo za-yemase meuu
 va-albo za-yegabe enza yezanaguegue (4).
- III. Οὐ χρεῖα ἐστὶν τὸ ἑαυτοῦ ζητεῖν,
 ἀλλὰ τὸ τοῦ πλησίον (5).
 i-maftev tehse zaziaka
 za-enbala la-biska (6).

(1) Bidez, *Deux versions grecques inédites de la Vie de Paul de Thèbes*, p. 17, l. 1 e 2.

(2) *Vida de S. Paulo de Thebas, primeiro eremita*, p. 7, l. 28 e p. 8, l. 1. Na versão ethiopica falta a primeira parte da invectiva, em que se nomeia a cidade de Alexandria.

(3) Bidez, *op. cit.*, p. 19, l. 17 e 18.

(4) *Vida de S. Paulo de Thebas, primeiro eremita*, p. 9, l. 17 e 18. O traductor abexim leu no seu original uma palavra differente de κλαίει.

(5) Bidez, *op. cit.*, p. 25, l. 1 e 2.

(6) *Vida de S. Paulo de Thebas, primeiro eremita*, p. 11, l. 18 e 19.

- IV. καιρός ἐστιν τοῦ λαλεῖν,
καὶ καιρός τοῦ σωπαῖν (1).
gizê la-armemô
va-gize vetu la-tanâgro (2).

O primeiro d'estes disticos é uma invectiva contra a cidade de Alexandria, porque nella se exercia publicamente o culto dos deuses do paganismo, o que aos olhos dos Coptos era uma horrivel abominação, e por isso a consideravam quasi como uma cidade estrangeira (3).

No segundo distico, em vez da palavra ἔρχεται deve provavelmente ler-se ὤχεται, que faz melhor sentido, e corresponde á expressão *sic petit* da versão latina (4). Não conhecemos paralelo d'este distico.

O terceiro distico tem um paralelo em I Cor. 10,24.

O quarto distico tem um paralelo em Ecclesiastes 3,7; mas o auctor da Vida de S. Paulo de Thebas não o copiou verbalmente do texto grego dos Septenta.

Em todos os mencionados distichos é bem evidente o seu character gnomico; e em a narração foram intercalados de um modo artificial para abreviar a narrativa de certas situações, que de outro modo demandariam muito maiores desenvolvimentos.

Uma disposição semelhante se encontra nas narrações lendarias de origem buddhica, e particularmente nas Jataka; nestas são intercaladas no meio da narração em prosa muitas

(1) Bidez, *op. cit.*, p. 27, l. 8 e 9.

(2) *Vida de S. Paulo de Thebas, primeiro eremita*, p. 13, l. 20 e 21.

(3) Amélineau, *Étude sur le christianisme en Égypte au septième siècle*, p. 57 e 58.

(4) Nau, *Amatas, disciple d'Antoine*, no *Journal Asiatique*, 1900, II, p. 28, nota 1.

estancias em verso, attribuidas ordinariamente aos personagens, a que a narração se refere (1).

4. Segundo a Vida de S. Paulo de Thebas (e tambem segundo a Vida de S. Antonio) (2), a vida monastica começou a ser praticada em uma região situada na fronteira oriental do Egypto, junto do Mar Vermelho. Esta região parece ter sido nos seculos iv e v de J. C. um centro importante da vida eremitica; alli floresceram, além do mosteiro de S. Paulo, o de S. Antonio, ainda hoje habitado por monges, e o do Abu Daraj, do qual só restam ruínas, e que, se é certa a tradição, foi o celebre mosteiro de S. João Climaco (κλίμαξ, escada). Mas a mesma região parece ter sido pelo mesmo tempo o termo do caminho das caravanas procedentes do medio Egypto para um dos portos mais frequentados pelos navios, que no Mar Vermelho faziam o trafego das mercadorias, que os Egyptios importavam da Arabia, da Persia e da India (3). Neste porto, onde se fazia a permutação dos productos da industria agricola e fabril do Egypto por diversos artigos, e entre outros, o incenso e as sedas, provenientes da Arabia, da Persia e da India, sem duvida uma troca de ideias se effectuava tambem entre os Coptos e os mercadores estrangeiros.

5. O personagem que, segundo a opinião do auctor da Vida de S. Paulo de Thebas, começou a vida eremitica no

(1) Senart, *Les abhisambuddhagathas dans le Jataka pali*, no *Journal Asiatique*, 1901, I, p. 385 a 387.

(2) Cfr. *Vida de S. Antonio*, § 50.

(3) R. Fourteau, *Voyage dans la partie septentrionale du désert arabe*, no *Bulletin de la Société Khédiviale de géographie*, v série, n.º 9, 1900, p. 515 e segg.

Egypto, chamava-se em grego ΠΑΥΛΟΣ, Paulo; e o personagem, que na Índia fundou a vida monástica, tinha o nome de Buddha, em grego ΒΟΥΔΟΣ (1), cuja semelhança com aquelle, tanto na pronuncia como na escripta em caracteres unciaes, é bem apparente.

Se as observações precedentes são fundadas, resulta, que na lenda de S. Paulo de Thebas, que se formou no decurso de muitos annos, se infiltraram tradições estranhas. É muito verisimil que os Coptos, ouvindo a alguns mercadores estrangeiros a narração de certos episodios da vida de um personagem, que diziam ser o fundador da vida monastica no seu país, os adaptassem áquelle que consideravam como o iniciador do mesmo genero de vida no Egypto, induzidos talvez até pela semelhança dos nomes Boudos e Paulos, modificando comtudo a narração para a conformar com as suas ideias e crenças (2). Todavia as modificações não foram tão profundas, que não ficassem vestigios apparentes da sua origem, não só na essencia da narração, mas tambem na fórmula, e por ventura no nome do personagem da lenda.

É agora evidente, que a Vida de S. Paulo de Thebas é um documento preciosissimo e da mais alta importancia para o estudo das tradições populares do Egypto na epocha coptica, e para o da immigração das lendas buddhicas no occidente.

(1) *Journal Asiatique*, 1892, t. II, p. 279, e 1897, t. I, p. 15, nota 1.

(2) Os Coptos tiveram sem duvida conhecimento da lenda do Buddha. (Oscar de Lemm, *Der Alexanderroman bei den Kopten*, St.-Petersbourg, 1903, p. 119 e 120).

Principio do monachismo christão no Egypto

O caracter dos antigos Egypcios não manifestou tendencias para o ascetismo senão no tempo dos Ptolemeus, antes da occupação do Egypto pelos Romanos. Neste periodo os sacerdotes dos templos de Serapis, principalmente os do grande Serapeum de Memphis, viviam rigorosa vida monastica, ou antes eremitica, praticando o isolamento, o jejum e austeridades (1). Este monachismo era natural do país, e procedeu da antiga religião egypcia; e ha razões para crer que a instituição se desenvolveu e se diffundiu, e que sobreviveu ainda, depois que os Egypcios se converteram ao christianismo. É tambem certo, que pelo mesmo tempo muitos Judeus de Alexandria deixaram os seus parentes e os seus bens, e sahiram para o campo fazer sua morada, cada um em sua cabana, vivendo uma solitaria e austera vida de pobreza e de castidade, de silencio e de trabalho, de vigilia e de oração. É de crer pois que as tendencias, que encontraram expressão nas fórmulas da vida monastica entre os Egypcios pagãos e os Egypcios judeus, fossem as mesmas, que acharam uma expressão semelhante entre os Egypcios christãos (2).

(1) Estes ascetas eram chamados *ἀσέτοι*, que, segundo Letronne, Weingarten e Bouché-Leclercq, significa reclusos. (Weingarten, *Ursprung des Mönchthums*, p. 30 a 36; *Comptes rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres*, 1902, p. 456).

(2) Voelter, em uma conferencia sobre a origem do monachismo (*Der Ursprung des Mönchthums*, Tübingen, 1900), conclue, que o monachismo nasceu no Egypto sob a influencia de duas causas: uma religiosa, o desenvolvimento da tendencia ascetica no christianismo; outra social, as más condições economicas do país pelo fim do seculo III. (Cfr. *Revue critique d'histoire et de littérature*, 1901, t. I, p. 297).

A mais antiga prática do ascetismo christão não obrigava, aos que a elle se votavam, a separar-se do mundo; elles realizavam a vida ascetica no meio das suas familias, absten-do-se do casamento, guardando os jejuns, e dedicando-se á oração e ás boas obras. Durante a maior violencia da per-seguição, que succedeu no tempo do imperador Decio (pelos annos de 250 de J. C.), muitos Egypcios christãos fugiram das cidades para os desertos e montanhas, e alli viveram por algum tempo na solidão; mas ainda que esta condição foi passageira, e não o inicio da vida monastica, parece que alguns d'aquelles fugitivos, mais inclinados ao ascetismo, fizeram no deserto a sua morada permanente, e se tornaram os primeiros eremitas christãos, o que é confirmado por uma tradição attestada por Eusebio, S. Jeronymo e Sozomeno. E nada impede crer, que um d'estes primeiros eremitas fosse chamado Paulo, que vivesse em uma gruta situada perto da costa do Mar Vermelho, e que pouco antes da sua morte (pelos annos de 340 de J. C.) fosse visitado por S. Antonio (1).

Póde pois admittir-se que S. Paulo de Thebas foi o primeiro christão do Egypto, que viveu vida eremitica; e, se o não foi, pelo menos na tradição christã, assim é considerado (2). Entretanto deve observar-se que na Vida de S. Antonio, attribuida a S. Athanasio, não se falla de S. Paulo de Thebas, nem se refere nenhum dos factos, que na Vida de

(1) Butler, *The Lausiack History of Palladius*, t. 1, p. 229-236.

(2) Segundo a opinião do dr. Weingarten (*Ursprung des Mönchthums*, citada por Butler, *The Lausiack history of Palladius*, t. 1, p. 3) S. Paulo de Thebas não existiu nunca. Comtudo a sua existencia é admittida pelo dr. Schiwietz (*Egyptian exploration Fund's Archeological Report*, 1899-1900, *Christian Egypt*, p. 4) e por Butler (*The Lausiack History of Palladius*, p. 232).

S. Paulo de Thebas se contam de S. Antonio; e que além d'isso, da perseguição succedida no tempo do imperador Decio, sómente são mencionados tres martyres do Egypto, e estes eram naturaes de Alexandria, o que mostra que a perseguição teve pequena extensão, e sómente na cidade de Alexandria, não se estendendo ao alto Egypto, como a Vida de S. Paulo de Thebas parece fazer suppôr (1).

A tradição, que S. Paulo de Thebas foi o primeiro eremita christão, formou-se bem cedo. S. Jeronymo, que compoz a *Vita Sancti Pauli primi eremitae* pelos annos de 375 de J. C., attribue valor historico aos principaes factos nella referidos, e os menciona na sua *Chronica* no decimo nono anno do imperador Constancio (359 de J. C.), e em algumas das suas cartas. Mas outros testemunhos, que parece serem independentes dos escriptos de S. Jeronymo, affirmam a mesma tradição.

Cassiano (350-440 de J. C.) attribue a um certo abba Piamun as seguintes palavras, ácerca das diversas especies de monges: «Itaque Coenobitarum disciplina a tempore predicationis Apostolicae sumpsit exordium. Nam talis extitit in Hierosolymis omnis illa credentium multitudo, quae in Actibus Apostolorum ita scribitur. . . . Istud ergo solum fuit antiquissimum monachorum genus, quod non modo tempore, sed etiam gratiâ primum est, quodque per annos plurimos solum inviolabile usque ad abbatis Pauli vel Antonii duravit aetatem. Cujus etiam nunc adhuc in districtis coenobiis cernimus residere vestigia. De hoc perfectorum numero, et, ut ita dixerim, faecundissima radice, sanctorum etiam Anachoretarum post haec flores fructusque prolati sunt. Cujus professionis principes hos quos paulo ante memoravimus,

(1) Amélineau, *Histoire de monastères*, nos *Annales du Musée Guimet*, t. xxv, p. xvii.

sanctum videlicet Paulum vel Antonium, novimus extitisse» (1).

No principio do século v a tradição acerca de S. Paulo de Thebas, primeiro eremita, não só era já formada, mas até localisada, indicando-se o lugar em que elle viveu na solidão. Sulpicio Severo (+ 406 de J. C.) attribue a um certo Postumiano, que havia visitado o Egypto, as seguintes palavras: «Sed longum est de omnibus qui eremum incolunt, comperta nobis vel audita memorare. Annum integrum et septem fere menses intra solitudines constitutus exegi, magis virtutis admirator alienae, quam quod ipse tam arduum atque difficile potuerim tentare propositum. saepius tamen cum sene illo, qui puteum et bovem habebat, habitavi. duo beati Antonii monasteria adii, quae hodieque ab ejus discipulis incoluntur. ad eum etiam locum, in quo beatissimus Paulus primus eremita est diversatus, accessi. rubrum mare vidi. jugum Sina montis adscendi, cujus summum cacumen coelo paene contiguum nequaquam adiri potest» (2).

A exactidão das informações topographicas, que encerra esta narração, mostram claramente que Postumiano, ou quem quer que foi o informador de Sulpicio Severo, tinha visitado o lugar, em que, segundo a tradição, S. Paulo de Thebas, primeiro eremita, havia vivido na solidão (3).

(1) *Joannis Cassiani opera omnia*, Parisiis, 1642; *Collatio decima octava*, cap. v e vi, p. 681, 682 e 684.

(2) *Sulpicii Severi opera*, ed. Hieronymo de Prato Veronensis, Veronae, 1741, t. 1, p. 83-84.

(3) Butler, *The Lausiack History of Palladius*, t. 1, p. 231-232.

Mosteiro de S. Paulo (1)

No Egypto dá-se o nome de Deserto oriental (2), e também o de Deserto arabico, á região limitada do lado do occidente pelo valle do Nilo, e do lado do oriente pelo Golfo de Suez, e comprehendida entre os parallelos 26° e 30° de latitude norte. Esta região compõe-se de duas partes distinctas pela sua configuração orographica e pela sua constituição geologica: a parte occidental é uma planura, cuja altitude não excede 300 a 400^m acima do nivel do Mar Vermelho; a sua superficie, quasi plana, é sulcada de raros valles pouco profundos; o seu solo é de formação sedimentar, e constituido de rochas de calcareo numulitico; a parte oriental é formada por uma cadeia de montanhas, cuja altitude attinge 1500^m, e que corre parallelamente á costa do mar á maneira de cordilheira; as suas encostas são cortadas de profundas ravinas; e o seu solo é constituido de rochas crystallinas. Em uma e outra parte não ha rios nem ribeiras de corrente perenne; mas são numerosos os *vadis* (v a d i, valleiro), por onde a agua corre torrencialmente na occasião das chuvas; são muito raras as nascentes de agua, a que os naturaes do país dão o nome de *ain* (pl. *ayun*); as plantas só vegetam nos *vadis* e nos sitios, em que a agua da chuva se accumula no subsolo; e os animaes são pouco frequentes.

Na parte oriental d'este deserto e perto do mar, pela latitude de 28° 45' e longitude 32°, jaz uma montanha, que tem

(1) A noticia, que se segue, do Mosteiro de S. Paulo é extrahida dos escriptos do dr. Schweinfurth e Fourteau, e dos Padres Sicard e Jullien. Veja-se adeante a bibliographia.

(2) Maqrizi, *Khitat*, ed. de Bulaq, t. 1, p. 34, l. 9.

o nome de Galala al-Kiblich (Galala do sul) (1), limitada do lado do norte pelo largo e profundo vadi al-Arabah (2), do lado do oriente pela costa do mar, do lado do sul pelos vadis de Tarfeh e de Tin, e do lado do occidente pelas terras baixas do deserto. Esta montanha é, na sua maior parte, uma extensa planura, que no ponto mais elevado, situado na ponta nordeste, attinge a altitude de 1425^m, e desde alli vai descendo na direcção de nordeste para sudoeste. As encostas d'esta montanha são abruptas, em alguns pontos quasi escarpadas, e cortadas por diversos vadis secundarios, que desaguam os da vertente norte no vadi al-Arabah, os da vertente oriental no Golfo de Suez, e os da vertente sul nos vadis de Uarfa e de Tin. É nesta montanha de Galala al-Kiblich, que são situados os antiquissimos mosteiros de S. Antonio e de S. Paulo, os fundadores do monachismo egypcio.

O mosteiro (3) de S. Antonio, Dayr mar Antonyos,

(1) O Padre Sicard designa este monte pelo nome de Monte Colzim (*Lettres édifiantes*, t. v, p. 157 e segs., e carta). Como Quatremère já observou (*Mémoires géographiques et historiques sur l'Égypte*, t. 1, p. 185), o monte é assim nomeado por causa da sua proximidade do Mar Vermelho, que entre os Arabes tem o nome de Mar de Kolzum.

(2) O Padre Sicard diz que o nome de vadi al-Araba, significa planície dos carros (plaine des chariots). (*Lettres édifiantes*, t. v, p. 157 e 170). Com effeito arabah significa carro; mas Amélineau diz que este vadi era chamado «dos Arabes», porque era o caminho das caravanas, como se vê pela Vida de S. Antonio (§ 50). (Amélineau, *La géographie de l'Égypte à l'époque copte*, p. 131).

(3) Os Coptos dão a um mosteiro o nome arabe de dayr, e comprehende as egrejas, a torre de refugio, as habitações dos monges ou cellas, e as hortas e pomares com as suas nascentes de agua, e é tudo fechado por um alto e espesso muro de cerca. (Veja-se Maqrizi, *Khitat*, ed. Bulaq, t. II, p. 50; Wüstenfeld, *Maqrizi's Geschichte der Copten*, p. 85; Evetts, *The Churches and Monasteries of Egypt*, p. 305; Alfred J. Butler, *The ancient Coptic Churches of Egypt*, t. 1, p. xv).

tambem chamado Dayr al-Arabah (1), é situado em 28° 56' de latitude norte, e 32° 22' de longitude oriental de Greenwich, e em altitude de 410^m, na vertente norte da montanha. O mosteiro de S. Paulo, Dayr anba Bula (2), ou Dayr mar Bulos, é situado em 28° 52' de latitude norte, e 32° 32' de longitude oriental de Greenwich, e em altitude de 280^m, na vertente oriental da montanha. A distancia do mosteiro de S. Antonio ao de S. Paulo, em linha recta, é proxima-mente de 20 kilometros; mas entre elles interpõe-se um promontorio de rochedos talhados a pique. Para ir do mosteiro de S. Antonio ao de S. Paulo ha dois caminhos: pelo primeiro segue-se pelo vadi al-Arabah para o nascente até 15 kilometros, toma-se á direita pelo vadi Rigbeh (3), subindo por entre rochedos até ao cume do promontorio, d'alli desce-se por uma vereda declivosa até ao mosteiro de S. Paulo, situado perto da origem do vadi ad-Dayr; este caminho pôde fazer-se em nove horas, mas só é praticavel aos peões e aos asnos; pelo segundo caminho segue-se pelo vadi al-Arabah até á costa do mar, contorna-se a montanha junto do mar, volta-se para sudoeste, entra-se no leito do vadi ad-Dayr, e sobe-se por elle até quasi á sua origem, onde está o mosteiro de S. Paulo; este caminho demanda dezaseis horas de marcha, e é o seguido pelas caravanas de camellos.

O mosteiro de S. Paulo está situado no lugar mais solitario e horrendo, que se pôde imaginar. Represente-se uma immensa bacia, cujas paredes de rocha ennegrecida tẽem 800^m

(1) Maqrizi, *Khitat*, ed. de Bulaq, t. II, p. 502. Cfr. Wüstenfeld, *Maqrizi's Geschichte der Copten*, Göttingen, 1845, p. 37 do texto.

(2) Maqrizi, *Khitat*, ed. de Bulaq, t. II, p. 502. Cfr. Wüstenfeld, *Maqrizi's Geschichte der Copten*, p. 38 do texto.

(3) Segundo o Padre Sicard, vadi Rigbeh (monte Aquabé) significa subida rude e fatigante. (*Lettres édifiantes*, t. V, p. 171).

de altura, e são rasgadas por numerosas ravinas; no fundo da bacia erguem-se os altos muros da cerca do mosteiro, sombrios e sem nenhuma abertura. Em volta nenhuma herva verde reveste a terra; pelo campo não se avista nenhum animal; no ar não voa nenhuma ave; e do mar, enfim, só de cima dos muros do mosteiro se descobre ao longe uma estreita faixa.

A cerca do mosteiro é fechada por um muro de 12 a 15^m de altura e 2^m de espessura, o qual na parte superior tem um caminho de ronda e um parapeito, que o protege do lado exterior.

A entrada do mosteiro é no lado do nascente, mas não se faz por meio de uma porta pelo temor que os monges continuamente têm, de que os Arabes beduinos venham surpreender o mosteiro para o roubar. Antigamente para entrar no mosteiro, os visitantes eram collocados dentro de um grande cesto, o qual era elevado por meio de uma corda, passando sobre uma roldana, pelos monges que estavam no parapeito do muro, até uma alta janella, e pela qual entravam (1). Mais recentemente a entrada foi estabelecida pela maneira seguinte. Ligado ao muro da cerca ha um cubello, saliente sobre o paramento exterior do mesmo muro; neste cubello está aberto um nicho semicylindrico, desde o solo até 8^m,50 de altura. A entrada do nicho é praticada na face exterior do cubello parallelamente ao paramento exterior do muro, e termina na parte superior por um arco de volta inteira. Por cima d'este arco ha uma grande janella disposta em forma de balcão; a janella é fechada em quasi toda a sua

(1) Esta disposição, que tambem existe no mosteiro de S. Antonio, e ainda no de S. Catharina do Monte Sinai, é muito antiga, e já existia no mosteiro de S. Mennas, como conta Rufino na sua *Historia ecclesiastica*. (Cfr. *Lettres édifiantes*, t. v, p. 159).

altura por uma guarnição de madeira, cheia na parte inferior, disposta em tres pequenas janellas na parte media, e em rotula na parte superior. Por cima do nicho ha um andar, em cujo pavimento está aberto um largo alçapão, que constitue a entrada do mosteiro. Os visitantes, em chegando junto do cubello, fazem tocar o sino, que alli existe suspenso do muro, e logo os monges de vigia assomam as suas cabeças pelas pequenas janellas do balcão; e informados de quem são, abrem o alçapão, e fazem descer até ao chão a grossa corda de um cabrestante de eixo vertical, manobrado por dois monges. Esta corda na sua extremidade inferior divide-se em dois coches, a cujas pontas são ligados fortes ganchos de ferro. Para subir, o visitante colloca o rosto contra a corda, passa os dois coches por baixo dos braços, liga um ao outro os ganchos atraz das costas, e aperta nas mãos os dois coches á altura da cintura. Ligado assim o visitante, e a um signal dado, é erguido rapidamente por meio do cabrestante até ao pavimento do andar, onde outro monge o toma a braços, e o colloca sobre o pavimento. D'este andar desce-se por uma escada descoberta para o interior do mosteiro.

A cerca do mosteiro tem a fôrma de um hexagono irregular um pouco allongado; o seu maior comprimento, de oriente para occidente, é de 1950^m, e a sua maior largura, de norte para sul, é de 1200^m. Á esquerda da entrada e ao longo do lanço meridional do muro da cerca são as cellas dos monges, dispostas sensivelmente em duas linhas paralelas. Em frente da entrada é situado o donjon (torre quadrada), cuja porta está elevada cerca de 6^m acima do solo, e á qual se chega por uma ponte levadiça apoiada em um terraço proximo. Nesta torre guardam os monges os seus livros e tudo o que possuem de mais precioso; nella ha tambem uma capella, onde guardam os vasos sagrados e podem fazer oração. Esta torre é uma especie de reducto de segu-

rança, e serve de refugio aos monges, no caso dos Arabes beduinos escalarem os muros do mosteiro para o roubar, o que tem succedido mais de uma vez. Ao sul do donjon é a igreja dos monges, e ao norte a igreja de S. Paulo. A parte restante da cerca, tanto do lado do norte como do poente, é disposta em jardins, nos quaes são cultivadas diversas plantas hortenses, e frutificam algumas palmeiras, figueiras, oliveiras, pecegueiros e damasqueiros.

A igreja antiga de S. Paulo é uma crypta enterrada no solo, para a qual se desce por duas escadas. O conjunto da igreja fórma um quadrado de 9^m de lado; é illuminada sómente pelas aberturas da cupula. A igreja é orientada de nascente para poente; contrariamente ao uso, o altar está do lado do poente. Na parte restante tem a disposição das outras igrejas copticas (1), com a differença que o côro não é separado da nave dos fieis. Segundo é crença, a gruta, magharah, em que S. Paulo viveu na montanha e morreu, foi transformada em capella poucos annos depois da morte do eremita. Esta capella fórma a parte noroeste da igreja, e é uma especie de capella lateral, avançada e encostada ao muro do norte. Os muros e as abobadas da igreja são cobertos de grosseiras pinturas, que representam diversos episodios da vida do eremita, e algumas passagens da Santa Escriptura; as pinturas são obra de um monge, o qual não empregou outras tintas senão as terras córadas da montanha.

As construcções do mosteiro são feitas de pedra calcarea molle, que se encontra debaixo dos stratos numuliticos junto do mosteiro.

(1) As igrejas copticas constam em geral de narthex, nave, choro e haikal. (Alfred J. Butler, *The ancient Coptic Churches of Egypt*, t. 1, p. 1 a 46 e 345).

O mosteiro tem tres nascentes de agua na parte da cerca, que fica do lado do poente, que foi recentemente annexada; e é separada da parte restante pelo muro antigo da cerca. Uma das nascentes está quasi ao meio do lado norte; as outras duas são situadas no angulo sudoeste da cerca. A agua das tres nascentes é potavel, ligeiramente calcarea e selenitosa, em consequencia da sua passagem sobre os marnes gypsosos do terreno cenomaniano. A nascente mais abundante, e a unica utilizada, é a do lado do norte. Fóra da cerca, e a algumas centenas de metros, ao norte e ao sul, ha outras duas pequenas nascentes, rodeadas de magras palmeiras; a ellas vêm os beduinos dar de beber aos seus gados.

No principio do seculo v, o lugar em que, segundo a tradição, tinha vivido e morreu S. Paulo, ja era venerado pelos christãos, como affirma Postumiano na xviii Conferencia de Sulpicio Severo (1); mas parece que não existia ainda nem mosteiro nem egreja, porque de outro modo Postumiano tel-os-hia mencionado, como os de S. Antonio.

Antonino martyr conta no seu *Itinerario*, que no anno de 570 de J. C. foi de Suez atravez do deserto até á gruta de S. Paulo, a qual então era chamada *Syracumba*, isto é, gruta dos Syros (2).

A mais antiga menção do mosteiro de S. Paulo é a se-

(1) *Sulpicii Severi opera*, ed. Hieronymo de Prato Veronensis, t. 1, Veronae, 1741, p. 83-84.

(2) Antoninus Martyr, *De locis sanctis quae perambulavit Antoninus martyr circa A. D. 570*, hersg. von T. Tobler, St. Gallen, 1863; *Itinera Hierosolymitana et Descriptiones Terrae sanctae bellis sacris anteriora et latina lingua exarata*, ed. Tobler et Molinier, Geneve, Paris t. 1, 1879, p. 116; cfr. R. P. M. Jullien, *L'Égypte*, p. 94.

guinte, que se encontra na lista das igrejas e mosteiros notáveis do Egypto (ms. do Lord Crawford, fl. 333 v.):

[Mosteiro] do santo abba Paulo no monte de...

Infelizmente falta o nome do monte, em que o mosteiro estava situado; Amélineau conjectura que o nome do monte era al-Arabah (dos Arabes), como na menção correspondente do mosteiro de S. Antonio (1); mas também poderá supôr-se que deveria ser o de Galala al-Kiblieh.

Na *Descripção das igrejas e mosteiros do Egypto*, escripta pouco antes do anno de 1208 de J. C., e attribuida a Abû Sâlih, encontra-se a seguinte noticia do mosteiro de S. Paulo (2):

«No interior do deserto [arabico está] o mosteiro do santo anba Bula, o qual é situado na praia do mar salgado; entre elle e o mosteiro de al-Jumaizah (o Sycomoro), até ao qual se vai pelo deserto, ha dois dias de caminho. E para o [mosteiro do santo anba Bula] vem do mosteiro [atraz] mencionado, do mosteiro do grande santo Antonyos, sacerdotes, monges e diaconos aos turnos para celebrar nelle os officios. E o mosteiro [do santo anba Bula] está junto do Vady-al-Arabah, e da lagoa de Miryam (3); e é proximo do monte Sinai; e entre elles está a passagem do mar salgado.»

(1) Amélineau, *La géographie de l'Égypte à l'époque copte*, p. 580 e 124.

(2) Abû Sâlih, *The Churches and Monasteries of Egypt*, ed. Evetts, Oxford, 1895, fl. 56 b, e p. 166 e 167 da traducção.

(3) A lagoa de Miryam é o nome dado por Abû Sâlih a uma nascente de agua, que rebenta da rocha perto do mosteiro de S. Antonio, e o abastece de agua, e na qual, segundo é tradição entre os Coptos, Miryam, irmã de Moysés, se purificou. (Maqrizi, *Khitat*, t. II, p. 502; Abû Sâlih, *The Churches and Monasteries of Egypt*, ed. Evetts, p. 167, nota 1).

Maqrizi (+ 1441 de J. C.) no *Khitat* (1) descreve do seguinte modo o mosteiro de S. Paulo:

«Mosteiro do anba Bula, e tambem lhe chamam mosteiro dos filhos de Bulos; e ainda é conhecido por mosteiro de an-Namurah (dos Tigres). — Este mosteiro é situado na costa occidental do Tur (2), perto de uma nascente, á qual veem os viajantes. E entre os [Coptos] conta-se que nesta nascente se purificou Miryam, irmã de Moysés, a paz seja com elle, quando Moysés acampou com os Filhos de Israel na região de al-Qolzum. E o mesmo anba Bula era da gente de Alexandria; e quando seu pae morreu, deixou-lhe a elle e a seu irmão muitos bens; e seu irmão disputou com elle por causa dos bens; e [o anba Bula] saiu de sua casa, porque seu irmão estava agastado com elle. Então [o anba Bula] viu um morto, que haviam de enterrar; e considerou attentamente nelle, e foi andando pelo país meditando, até que parou junto d'esta nascente, e aqui se estabeleceu; e Deus, elle é grande, o sustentava. Depois Antonyos veio ter com elle, e foi seu companheiro até que [o anba Bula] morreu; e este mosteiro foi edificado sobre a sua sepultura. E entre este mosteiro e o mar ha tres horas de caminho; e o mosteiro tem um jardim, no qual ha palmeiras e videiras; e nelle tambem ha uma nascente de agua corrente.»

Os mosteiros de S. Antonio e de S. Paulo, posto que são dos mais antigos e dos mais interessantes do Egypto, têm sido pouco visitados dos viajantes europeus, antigamente pela falta de segurança e actualmente ainda pela incommodidade da viagem.

Na segunda metade do seculo xvii um official francez, cha-

(1) Maqrizi, *Khitat*, t. II, p. 502; Wüstenfeld, *Maqrizis' Geschichte der Copten*, Göttingen, 1845, p. 37 do texto, e p. 88 da traducção.

(2) Tur é o nome arabico do Monte Sinai.

mado Jean Coppin, visitou o mosteiro de S. Antonio, e partindo d'este pelo caminho atravez da montanha, foi visitar o de S. Paulo; de ambos os mosteiros deu minuciosa relação em uma obra, que tem por título — *Le Bouclier de l'Europe, ou la guerre sainte* (1).

O Padre J. M. Vansleb, religioso da ordem de S. Domingos, visitou, nos annos de 1672 e 1673, os mosteiros de S. Antonio e de S. Paulo, e d'elles deu noticia na sua *Nouvelle relation d'un voyage fait en Égypte* (2).

Granger visitou tambem os mosteiros de S. Antonio e de S. Paulo, dos quaes deu noticia na sua *Relation du voyage fait en Égypte* (3).

O Padre Claude Sicard, da Companhia de Jesus, visitou em 1716 os mosteiros de S. Antonio e de S. Paulo, e d'elles deu muito interessantes e circumstanciadas noticias, e vistas dos mosteiros, em uma carta que foi publicada nas *Nouveaux mémoires des Missions du Levant*, e nas *Lettres édifiantes et curieuses écrites des missions étrangères* (4).

Richard Pococke, na sua viagem pelo Oriente, visitou o mosteiro de S. Antonio, que descreveu, e do de S. Paulo

(1) Jean Coppin, *Le Bouclier de l'Europe, ou la guerre sainte*, Lyon, 1686, p. 281 a 320. Cfr. Quatremère, *Mémoires géographiques et historiques sur l'Égypte*, t. 1, Paris, 1811, p. 154 e 155.

(2) J. M. Vansleb, *Nouvelle relation d'un voyage fait en Égypte*, Paris, 1698, p. 300 e segs. Cfr. Quatremère, *ibidem*.

(3) Granger, *Relation du voyage fait en Égypte, en l'année 1730*, Paris, 1745, p. 107 e segs.

(4) *Nouveaux mémoires des Missions du Levant*, t. v, Paris, 1725, p. 125 a 200; *Lettres édifiantes et curieuses écrites des Missions étrangères*, t. v, Toulouse, 1810, p. 151 a 191. Esta ultima obra foi-nos obsequiosamente communicada pelo R. P. Alb. Poncelet, da Companhia de Jesus, residente no Collegio das Ursulinas em Bruxellas; aqui lhe renovamos os nossos mais vivos agradecimentos.

deu uma breve noticia, que alcançou de um monge d'este mosteiro, que encontrou no Fayum. No seu tempo o mosteiro de S. Paulo era habitado por vinte e cinco monges (1).

Greville Chester visitou o mosteiro de S. Antonio, e o descreveu nas *Notes on the Coptic Dayrs* (2).

Headlam, do Collegio de Todas as Almas (All Souls College), visitou o mosteiro de S. Antonio, e d'este, como Coppin, foi a pé atravez da montanha, visitar o de S. Paulo (3).

O dr. G. Schweinfurth, que nos annos de 1876 a 1878 fez tres viagens pelo deserto arabico do Egypto, publicou o resultado das suas explorações geographicas e geologicas, e as suas observações ácerca da fauna e flora com uma carta geographica da mesma região, em uma memoria, que tem por titulo: *La terra incognita dell'Egitto*. Na segunda das suas viagens, feita em 1877, o dr. Schweinfurth visitou os mosteiros de S. Antonio e de S. Paulo, e ácerca da sua situação e das suas nascentes deu interessantes noticias com vistas dos mesmos mosteiros. Na occasião da sua visita, no mosteiro de S. Paulo havia vinte e oito monges (4).

O Padre M. Jullien, da Companhia de Jesus, e missionario no Cairo, fez no inverno de 1882 a 1883 uma viagem pelo deserto da baixa Thebaida (deserto arabico) até aos mosteiros de S. Antonio e de S. Paulo, e narrou os successos d'esta

(1) Richard Pococke, *A Description of the East*, London, 1743, vol. 1, p. 128; *Voyages de Richard Pococke*, t. 1, Paris, 1772, p. 380 e 383, e p. 193.

(2) G. Chester, *Notes on the Coptic Dayrs*, no *Archeological Journal*, vol. xxix.

(3) Cfr. Abû Sâlih, *The Churches and Monasteries of Egypt*, ed. Evetts, Oxford, 1895, p. 160, nota.

(4) Dr. G. Schweinfurth, *La terra incognita dell'Egitto*, em *L'Esploratore*, Milano, 1878, t. II, n.º 4, 5 e 6, e em separado.

viagem no livro, que tem por titulo: *L'Égypte, souvenirs bibliques et chrétiens*, e dos mosteiros deu circunstanciadas noticias. Quando o P. Jullien visitou o mosteiro de S. Paulo, havia nelle vinte e cinco monges, nove leigos e dezeseis sacerdotes, dos quaes dez tinham o titulo de *gomos* (hegumeno), e o seu vigario chamava-se *abuna Jacob* (1).

Emfim, R. Fourteau descreveu a parte septentrional do deserto arabico, e deu uma carta geographica d'esta região; e visitou o mosteiro de S. Paulo, do qual deu algumas noticias, e fixou a sua posição geographica (2).

(1) R. P. M. Jullien, *L'Égypte, souvenirs bibliques et chrétiens*, Lille, 1891, p. 59 a 103.

(2) R. Fourteau, *Voyage dans la partie septentrionale du desert arabe*, no *Bulletin de la Société Khédiviale de géographie*, v.ª série, n.º 9, 1900, p. 515 e segs.

TRADUÇÃO

Historia do santo abba Pavli, anachoreta

Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, um Deus. Historia do nosso padre santo abba Pavli, e sua vida, e sua permanencia, e seu afastamento do mundo; a sua oração nos guarde, e seja connosco. Amen.

1. Muitas vezes houve discussão da parte dos antigos monges, que foram no país do Egypto: Quem pois foi o primeiro a morar no ermo? Houve uns, que se recordaram dos antigos monges, dizendo, que desde o principio houve morada no ermo; e isto era fallar claramente dos bemaventurados Elyas e Yohanes; mas Elyas excedeu muito a medida dos monges; e Yohanes, antes que nascesse, prophetizou pela bocca de sua mãe, e a sua morada foi no ermo. Houve outros, que fallaram cada um segundo as revelações da sua intelligencia, dizendo: O bemaventurado Entones foi o primeiro que fez esta fé recta (1). Mas se com exactidão investigarmos isto, ser-nos-ha conhecido que não foi pois (2) Entones o primeiro, que se retirou para o ermo, mas Pavli começou a morada no ermo. Mas nós encontramos com os discipulos do bemaven-

(1) O auctor da versão ethiopica confundiu κατόρθωμα, bom procedimento, e ὀρθοδοξία, fé recta.

(2) O auctor da versão ethiopica em vez de ὅτι οὐκ, parece ter lido ὅτι οὐκ.

turado Entones, o pae dos quaes sepultou o bemaventurado Pavli; e elles nos contaram que Pavli Thebano começou a morada no ermo; e tambem nós cremos nestas palavras, e soubemos que são verdadeiras. E tambem eu tive desejo de contar alguma cousa a respeito do anachoreta abba Pavli, assim como começou a ser monge e a morar no ermo.

2. Succedeu pois nos dias de Dequy (1), o perseguidor, que muitos foram martyres; e Ualerinu (2) e Qarnanyos luctaram consummada lucta de martyrio em Roma pelo nome de nosso Senhor Jesus Christo. Contar-vos-hemos pois, nossos irmãos, assim como ouvimos dos que foram antes de nós, alguma cousa a respeito do monge bemaventurado Pavli.

3. Estavam pois seu pae e sua mãe..., e eram christãos; e tinham muitas riquezas; e depois d'isto repousaram em paz; e o santo ficou com seu irmão, que era mais velho, e sua irmã; e era mancebo de quatorze annos (3), mas sabedor dos livros dos Gregos e dos Egypcios; e residia com sua irmã,

(1) Trajano Decio, imperador romano (249-251 de J. C.). Decio, tendo de ir para a guerra contra os Persas, deixou em Roma com auctoridade suprema a Valeriano. Os editos eram, dizem, promulgados em nome de Decio e de Valeriano, e nelles se dava a ambos o titulo de Augusto. Resultou d'ahi, que a perseguição feita contra os christãos, sob o governo de Decio, é attribuida a Decio e a Valeriano, como se ambos fossem imperadores simultaneamente; comtudo Valeriano só foi acclamado imperador em 254.

(2) O auctor da versão ethiopica, não tendo comprehendido bem o texto da redacção grega *Gb*, fez de Valeriano (imperador romano 254-260 de J. C.) um martyr, como Cornelio papa de Roma. (Cfr. Nau, *Le texte grec original*, nas *Analecta Bollandiana*, t. xx, p. 139).

(3) Na redacção grega *Gb*, diz-se que S. Paulo era de dezaçes annos, ἐτῶν δέκα ἕ. (Bidez, *Deux versions*, p. 9); o numero quatorze provém talvez da confusão de 15' e 18'.

que era casada; e elle era simples em sua alma, e amava muito a Deus. E sendo pois mais forte a perseguição, permaneceu isoladamente em um lugar, que era sufficiente para guardar a si mesmo sem erro. Mas a cubiça constringe a intelligencia de muitos [homens], e arrasta para más acções; pois o marido de sua irmã, em vez de o occultar, o que era licito, ainda quiz entregal-o áquelles que castigavam os christãos; e não pensou nas lagrymas da irmã d'elle, e não temeu a Deus, que vê tudo; e desprezando a fé recta, não desistiu d'este mau pensamento; mas espiou-o, e quiz matal-o para ser agradável aos seus deuses.

4. E quando o prudente mancebo viu a sua insidia, e como queria matal-o, levantando-se foi ter com seu irmão, e lhe disse: «Dá-me a parte dos bens de meu pae.» E seu irmão, que era mais velho, lhe disse: «Mas eu não te dou agora, porque tu és um menino pequeno, e não podes trabalhar para utilidade da tua casa, nem commerciar, nem lavrar, nem prover a todos os cuidados da casa.» E o santo Pavli disse a seu irmão: «Acaso não nascemos nós de um mesmo pae e de uma mesma mãe? Como pois é que não me dás a minha herança dos bens de meu pae?» E seu irmão lhe disse: «Na verdade nascemos; mas eu temo que não seja para mim peccado tomares tu a tua parte, se a perderes; dir-me-ha toda a gente: Como é que não cuidaste d'este menino até que crescesse, e chegasse á idade de casar?» E o santo Pavli lhe disse: «Não quero deixar; dá-me a minha parte, e farei o que eu quizer.» E tendo ouvido isto seu irmão, que era mais velho, lhe disse: «Mas se não podes deixar, eia vamos aos que regem a egreja christã, e assim como elles julgarem, eu a ti farei.» E foram ambos, para que os sacerdotes julgassem. Mas seu irmão, que era mais velho, ia deante, e não via a direita e a esquerda; mas olhava para o caminho, por onde ia.

5. E quando caminhavam, chegaram a uma cidade no dia, em que tinha morrido um príncipe; e eis que transportavam o seu cadaver levando-o para a sepultura. E deante do seu cadaver iam muitos povos clamando e chorando; e com elles cavallos e mulas ajaezadas, e adereços, e todos os ornamentos, com que se adorna aquelle, que possui bens nos dias da sua vida; e os sacerdotes salmeavam salmos e canticos; e incensavam com os thuribulos, e liam o livro do Evangelho (1). E o santo voltou-se, e viu tudo isto; e interrogou um dos homens da cidade, e lhe disse: «Que é isto, que vejo?» E o mesmo homem lhe disse: «Este, que vês, era um grande príncipe, que morreu; e levam-no para o sepultar.» E o santo Pavli lhe disse: «E isto tudo, cavallos e mulas, e todos os ornamentos que conduzem, para que são?» E o mesmo homem lhe disse: «Quando morre algum dos príncipes e dos nobres da terra, assim lhes fazem para honra do morto; e depois que sepultam ao que morreu, o povo e os sacerdotes voltam para as suas casas.» E o santo lhe disse: «Acaso é assim a condição do homem neste mundo?» E o mesmo homem lhe disse: «Sim, é assim.» E quando o santo ouviu isto, a graça de Deus desceu sobre elle; conheceu que tudo passa, e nada aproveita a permanencia neste mundo.

6. Na mesma occasião o santo Pavli apressou-se a caminhar, e alcançou seu irmão, e lhe disse: «Meu irmão, eia voltemos para a nossa cidade; já não quero de ti a parte dos meus bens; mas são todos para ti só.» E tendo ouvido isto, seu irmão disse: «Não me é licito voltar, sem que eu vá e

(1) Esta descripção de um cortejo funeral é bem conforme aos usos dos Abexins; e por isso é provavel, que este desenvolvimento seja devido ao auctor da versão ethiopica.

chegue aos sacerdotes; e assim como julgarem, nós faremos eu e tu. Mas o que me dizes: Voltemos para a nossa cidade; acaso quando o teu pensamento te instar, não me dirás: Dá-me a parte dos bens de meu pae? Isto pois eu temo, e não voltarei sem concluir os meus negocios.» E o santo Pavli lhe disse: «Meu irmão, eu não quero de ti a parte dos bens; mas não me privarás do que eu me sustento e do que me visto; e outra cousa não quero de ti; e a minha parte e a tua parte serão para ti. Mas eia voltemos para a nossa cidade.» E tendo ouvido isto, seu irmão, que era mais velho, lhe disse: «Mas se é assim, eia voltemos para a nossa cidadê.» E ainda quando voltavam, seu irmão, que era mais velho, ia adiante; e o santo Pavli seguia atraz de seu irmão.

7. E quando iam pelo caminho, seu irmão, que era mais velho, afastou-se um pouco; mas o santo Pavli, quando ia atraz de seu irmão, encontrou uma cova profunda, e entrou nella; mas seu irmão, que era mais velho, não soube, o que succedeu, até que chegou a sua casa. E tendo esperado um pouco, interrogou, e disse: «Onde está Pavli?» E um homem de sua casa lhe disse: «Não o vimos aqui, e não veio contigo.» E então o procuraram, e não o encontraram; e seu irmão disse: «Acaso pois iria ao arcebispo, ou aos sacerdotes, ou ao rei para me acusar?» E depois d'isto enviou mensageiros ao arcebispo e ao rei; procuraram-no, e não o encontraram.

8. Mas o mesmo santo Pavli permaneceu na cova seis dias e seis noites; e depois d'isto fallou-lhe uma voz da parte de Deus, e lhe disse: «Sae d'essa cova, e afasta-te dos homens; e vae cerca da viagem de seis dias e seis noites; e alli se te manifestará a grandeza da graça de Deus.» E tendo saído da cova, caminhou guiando-o o Espirito Santo; e não encontrou pelo caminho nem pégadas de homem, nem pégadas de

bestas, nem pégadas de feras. E no fim de seis dias chegou a um monte alto; e começou a olhar com amor, como aquelle que fugiu da perseguição. E quando ia passo a passo, encontrou uma rocha no mesmo monte, cavernosa e tapada com pedras; e derrubou-as, e visitou-a com grande regosijo; e quando encontrou terra limpa, amou muito o mesmo lugar, porque Deus lhe doou esta mansão e morada. E no mesmo ermo permaneceu todos os seus dias; e o seu alimento e o seu vestido eram da palmeira, que estava no mesmo monte. Para que ninguem diga: Acaso permaneceu elle assim sem pão? Seja minha testemunha Christo Jesus, e os seus santos anjos, que eu vi monges em muitos logares, que consummaram a sua vontade pelejando com o diabo.

9. Assim como recebi, referirei a permanencia do bemaventurado Pavl. Trabalhou cento e trinta annos; e em quanto permanecia na terra, viveu vida celestial. E o abba Entones morava então no deserto do Egypto; e os seus dias eram noventa annos. E contaram-me a respeito d'elle, que pensou outr'ora em uma noite, dizendo: «Acaso mora no interior do ermo algum dos monges, que tenha passado adeante de mim?» E na mesma noite, em quanto elle pensava isto, fallou-lhe uma voz da parte de Deus, e lhe disse: «Ha dentro do ermo um, que é melhor do que tu; é conveniente que te encontres com elle com diligencia em muito regosijo.»

10. E quando amanheceu, o santo velho abba Entones tomou o bordão de palmeira, e apoiou-se nelle, e começou a caminhar para procurar o servo de Deus, ainda que não sabia o seu caminho. E ao tempo do meio dia, e sendo forte o ardor do sol, quando queimava muito, o bemaventurado velho não voltou do seu caminho, dizendo: «Confio que o meu Deus não me abandonará; mas desde agora me mostrará o seu servo, que me prometteu.» E em quanto assim

dizia, viu uma figura de homem, que tinha duas apparencias, de cavallo e de gente, que os sabios Arameus chamam hippocentauro; e o santo abba Entones chamou-o, e lhe disse: «A ti fallo: em qual lado está o homem de Deus?» E elle lhe respondeu por sua bocca com uma palavra impia e horrenda, que não é licito ouvir. E passando adeante o bemaventurado velho Entones procurava e aplanava os vestigios do caminho; e a fera afastou-se deante do rosto do abba Entones pelo campo largo; e assim se tinha transformado o aspecto do diabo; e o abba Entones admirou-se da sua appareição, da sua transformação, e da sua manifestação em fera.

11. E tendo passado adeante um pouco, viu outro homem, que por sua figura era de pequena apparencia, tendo cornos sobre a sua cabeça; e depois que viu isto o abba Entones, cobrindo-se com o escudo da fé e com a armadura da justiça (1), interrogou-o, dizendo: «Quem és tu, que eu vejo?» E o impostor lhe respondeu, e lhe disse: «Eu sou um d'aquelles que moram no ermo, a quem os gentios chamam satyros, enganando-os com o culto dos idolos.» E quando elle fallava, o bemaventurado velho proseguiu o seu caminho, em quanto as suas lagrymas corriam gota a gota sobre a terra; e elle era contente pela graça de Christo por causa do vencimento de Satan; e admirou-se, porque pôde comprehender as palavras da fera. E bateu com o seu bordão na terra, e disse: «Ai da cidade dos impios, onde se reúnem os demonios de todo o mundo.»

12. Mas o bemaventurado Entones foi indo com regosijo para terminar o seu caminho, caminhando passo a passo para procurar o servo de Christo; e pensava, e dizia: «Que farei,

(1) Cfr. *Eph.*, 6, 13. 14. 16.

e onde irei?» E tendo visto muitas pégadas pela extensão do ermo, e tendo decorrido cinco dias, no sexto dia disse em seu pensamento: «O meu Senhor Jesus Christo não me rejeitará.» E tendo dito isto, passou adeante; e indo um pouco viu pégadas de gente; e o santo Entones disse: «Eis que hoje são, desde quando saí da minha morada, seis dias e seis noites; e não vi gente inteiramente; mas estas são pégadas de feras, e aquellas são pégadas de bestas, e aquellas são rastos de serpente; e estas pégadas de gente, que vejo, de quem serão? Acaso estará aqui emfim o homem de Deus?» E tendo dito isto, e passando adeante um pouco, viu uma grande adibe correndo e apressando-se para subir ao cimo do monte. E o nosso padre santo seguiu-a por onde ella foi; e aproximando-se de uma gruta, viu que a mesma fera entrou allí; e o mesmo homem de Deus, abba Entones, certificou-se e conheceu, que estava [allí] o santo e perfeito velho abba Pavli. E então o santo Entones afastou de si o temor (1), e viu ao certo, que por toda a parte uma luz circumdava a gruta, na qual morava o santo velho.

13. E o santo Entones approximou-se, com regosijo, da porta da mesma gruta; e tomou uma pequena pedra, e fez som sobre o rochedo. E tendo ouvido pois o bemaventurado velho abba Pavli, irrompeu para a porta do rochedo, e fechou a entrada com uma grande pedra. E então o abba Entones caiu sobre o seu rosto, e prostrou-se deante da porta da gruta do velho; e começou a supplicar-lhe, que lhe abrisse a porta, e o deixasse entrar para elle, e saudal-o. E começou a dizer: «Acaso eu não estou só? Que te parece, d'onde eu vim, e por causa de que trabalhei, e com quanto pesar; acaso não foi por causa de ti, ó homem de Deus? Mas eu tambem sei,

(1) Cfr. 1, *Johan*, 4, 18.

que não sou digno de ver-te; ó tu que recebes as feras, porque voltas o teu rosto aos filhos dos homens? Procurei-te, e encontrei-te; bati, e abre-me. E se não me fizeres isto, e eu não alcançar o que esperei, não me retirarei d'aqui; mas antes morrerei diante da porta da tua gruta, para que, vendo o meu cadaver, o sepultes.» E o santo abba Entones ficou a lamentar-se, e a repetir estas palavras muitas vezes, por isso que o velho santo Pavli não o recebeu. E então com dificuldade o abba Pavli respondeu ao bemaventurado abba Entones, dizendo: «Não ha quem venha, sendo irado; e não ha quem volte, quando zomba.» E o santo Entones começou de novo a fallar com palavras suaves; e então o santo abriu-lhe a porta; e abraçando-se um ao outro, saudaram-se com saudações de santidade; e cada um declarou ao outro o seu nome.

14. E depois d'isto o bemaventurado velho abba Pavli assentou-se com o santo Entones, e lhe disse: «Porque por tal caminho déste trabalhos a ti procurando um velho fraco e invalido, que, depois de pequena vista, será pó? Mas, porque o amor tudo soffre (1), supplico-te que me contes e que me refiras: Como está agora a geração dos homens? Acaso constroem agora as cidades antigas? Por ventura ha rei no mundo? E a qual dos demonios servem os principes em seus muitos enganoses?» E em quanto fallava ao abba Entones, olharam e viram um corvo (2), que estava pousado em o

(1) Cfr. 1, *Cor.*, 13, 4. 7.

(2) Na Vida de S. Antonio conta-se que, quando este santo foi habitar só em um monte, traziam-lhe pão os Sarracenos (*Σαρακεννοί*); e na Vida de S. Paulo de Thebas refere-se que era um corvo (*κύραξ*), que trazia pão a este eremita. Ora a palavra *Σαρακεννός* corresponde ao hebreu e arameu arab, que póde ler-se arab, em arabe arab, Arabe, e orab, em arabe gurab, corvo. Parece que a lenda primitiva era contada em

ramo de uma arvore; e na mesma occasião a ave voou serenamente, tendo no seu bico um pão inteiro, e o trouxe a elles, e o collocou no meio d'elles, em quanto ambos o estavam vendo; e tendo-o deposto, a ave afastou-se. E o bemaventurado Pavli disse ao abba Entones: «Na verdade nosso Senhor, clemente e amator dos homens, enviou-nos a ceia; e eis que faz hoje sessenta annos que recebo d'esta ave metade de um pão; mas na tua vinda para mim Christo enviou-nos dobrado alimento, porque nós somos seus soldados.»

15. E o santo abba Pavli deu graças a Deus. E quando estava [assentado] com o abba Entones, altercaram um com o outro, dizendo entre si: «Quem partirá o pão?» E a noite approximou-se, para que terminassem de fallar assim. E depois d'isto partiram juntos o pão em nome de nosso Senhor Jesus Christo. E depois que o abba Entones tomou a sua parte, o abba Pavli disse ainda ao abba Entones: «Meu irmão, essa é a porção, que te foi enviada por Deus; e d'esta minha porção, com a qual Deus me alimentou sempre, toma e recebe, porque tu és hospede.» E o abba Entones lhe disse: «Basta-me a minha porção, que me foi dada da parte de Deus; e não passarei á tua porção.» E depois que disseram entre si estas cousas, comeram dando graças; e depois que comeram, passaram toda a noite vigiando. E quando [o sol] illuminou a terra, o abba Pavli disse ao abba Entones: «Desde o primeiro dia eu soube, que moravas neste ermo; e hoje Christo deu-me a ti como meu companheiro, que me prometeu,

uma lingua, na qual aquella palavra tinha a dupla significação de *Arabe* e *corvo*. Nau, porém, considera este episodio da Vida de S. Paulo de Thebas como uma reminiscencia do que se refere de Elias (cfr. 3, Reg., 17, 6). (Nau, *Le texte grec original*, nas *Analecta Bollandiana*, t. xx, p. 147, nota 6).

para que sepultes o meu corpo; porque chegou a minha ocasião de repousar; e o que procurei, encontrei (1), que é a minha esperança, que eu seja com nosso Senhor Jesus Christo (2); porque se aproximou o meu dia, e se concluiu (3); e depois d'isto me está reservada a corôa da justiça (4); e tu foste enviado da parte de Deus para esconderes o meu corpo sob a terra; e para que o pó volte para o pó.»

16. E tendo dito isto o bemaventurado abba Pavli, o velho santo abba Entones chorou muito; e gemendo supplicou-lhe, dizendo: «Não me deixes, meu amado; mas toma-me contigo pelo caminho por onde fores.» E o bemaventurado Pavli lhe disse: «Não é lícito que procures o que é teu, senão o do teu proximo (5). E por isso supplico-te, meu amado, que não te seja molesto ir depressa ao teu mosteiro; traze-me a tunica, que o rei Constantino (6) deu ao bispo Atenases, para que envolvas o meu corpo.» Mas o bemaventurado Pavli não fallou nisto, porque procurasse vestido; mas para que o abba Entones não estivesse presente, quando rendesse o seu espirito. E o abba Entones, tendo ouvido fallar a respeito de Atenases e da tunica, admirou-se; porque não houve [ocasião] em que o abba Pavli visse ao arcebispo Atenases, porque depois que saiu do mundo permaneceu no ermo cento e treze annos, não viu nenhum homem, nem ouviu o rumor do mundo, senão na mesma ocasião, quando o abba Entones

(1) Cfr. *Math.*, 7, 7.

(2) Cfr. *Phil.*, 1, 23.

(3) Cfr. 2, *Timoth.*, 4, 6.

(4) Cfr. 2, *Timoth.*, 4, 8.

(5) Cfr. 1, *Cor.*, 10, 24.

(6) Não conhecemos nenhuma tradição, em que se refira que o imperador Constantino deu um habito, στολή, a S. Athanasio, arcebispo de Alexandria.

o encontrou; e porque a graça de Deus morava no abba Pavli, o adorou.

17. E o abba Entones disse ao abba Pavli: «E pois a respeito do alimento vi um grande milagre, que te foi enviado da parte de Deus por meio de uma ave; a respeito pois da querman; ó abba, qual é a tua condição?» E o santo Pavli lhe disse: «Espera até sabbado, e verás.» E no dia de sabbado dos christãos vieram dois anjos, um na figura de sacerdote, e outro na figura de diacono; e celebraram a querman, e deram a ambos o corpo santo e o sangue glorioso de nosso Senhor Jesus Christo. E quando o abba Entones viu isto, admirou-se muito, e glorificou a Deus. E em quanto não se reprehendia, o abba Entones respondia com palavras humildes ao abba Pavli, mas chorando muito beijava as mãos d'elle e os seus olhos.

18. E depois d'isto, tendo-se saudado, o abba Entones apressou-se a ir ao seu mosteiro, e [alli] chegou depois de alguns dias; e vieram ao seu encontro os seus discipulos, muitos dos quaes o serviam; e lhe disseram: «Ó nosso padre, onde estiveste todos estes dias? Porque te separaste de nós, e não te vimos.» E elle respondeu-lhes, e lhes disse: «Ai de mim, peccador, que vivi condição vã para mim mesmo; porque não fiz officio de monge! Pois hoje vi Elyas e Yohanes no ermo; e Pavli verdadeiro monge no ermo.» E fallava com os seus discipulos, batendo no seu peito.

19. E o santo abba Entones foi para o arcebispo Atenases, e chegou, e foi abençoado por elle; e contou-lhe o que succedeu a respeito do abba Pavli; e lhe disse: «Encontramos em teus dias um homem santo, que mora no interior do ermo; e são longos os seus dias, depois que saiu do mundo; e não houve nenhum homem, que o visse, senão

eu.» E referiu-lhe todos os milagres e prodígios, que viu; e ainda lhe contou, como mencionou o nome do arcebispo, antes que elle lh'o dissesse; e ainda disse: «Enviou-me a ti, dizendo: Traze-me a tunica do arcebispo Atenases.» E tendo ouvido isto, o arcebispo Atenases deu graças e glorificou a Deus; e despiu a sua tunica, de que se vestem os papas para o ministerio do sacerdocio, que era feita de ouro e de incrível preço; e a deu ao abba Entones para que a levasse, com a qual havia de amortallar o corpo do santo Pavli. E o abba Entones foi abençoado pelo arcebispo; e tomando a mesma tunica voltou para ir para o velho santo.

20. E quando caminhava, disseram ao santo Entones os seus discipulos: «Conta-nos tudo, assim como viste.» E elle lhes disse: «Ha tempo de calar, e ha tempo de fallar (1).» E tendo dito isto, deixou os seus discipulos, e foi só, não tendo tomado nada, senão a mesma tunica, que lhe deu o arcebispo. E apressou-se correndo para o bemaventurado Pavli, porque desejava vel-o. E quando caminhava, disse em seu pensamento: «Oxalá não renda o seu espirito, em quanto eu não chegar, e em quanto eu não estiver junto d'elle.» E quando caminhava, gastou o mesmo dia; e no dia seguinte, ao tempo da terceira hora, viu no caminho a legião dos anjos e a congregação dos prophetas e dos apostolos; e o abba Pavli fulgurante, assim como a neve, no meio d'elles, e subiu ao ceu com elles. E na mesma hora o santo Entones caiu com o seu rosto em terra, e tomou pó, e o lançou sobre a sua cabeça, gemendo, e chorando, e dizendo: «Amado de Deus, meu padre, porque me deixaste, e não me esperaste a minha saudação?»

(1) Eccl., 3, 7.

21. E o bemaventurado Entones disse: «Depois que fiz tal carreira, e não fui menos [veloz] do que a ave que vôa, para eu ver o homem de Deus abba Pavli.» E o santo Entones ainda disse: «Ao entrar na gruta eu vi o bemaventurado Pavli, que estava ajoelhado, e as suas mãos eram estendidas, e erguia a sua cabeça para o ceu. E pensei, e disse: Acaso pois é vivo, e faz oração? E collocando-me de pé comecei a fazer oração com elle. E então demorando-me, não pude ouvir a sua respiração, nem o rumor da sua voz, nem um gemido, como é costume da oração.» E então o abba Entones comprehendeu, que sómente o corpo era que orava e adorava a Deus. E então envolveu-o na tunica, que lhe deu o arcebispo Atenases; e despiu-lhe a sua tunica antiga, e collocou-a em separado (1); e transportou-o, e tirou-o para o meio durante a noite; e salmeava deante d'elle, assim como é o preceito dos christãos, amadores de Deus. E o bemaventurado abba Entones entristeceu-se muito, e disse: «Porque não me lembrei de trazer uma enxada de dois bicos e um alvião (2) para cavar a terra, e cobrir o corpo do santo, que

(1) Na versão ethiopica é designado pelo nome de a s f, tanto o vestido que se diz que o imperador Constantino deu a S. Athanasio, arcebispo de Alexandria, e que S. Antonio lhe foi pedir para amortalhar nelle a S. Paulo, como o vestido que este eremita tinha feito de fibras de palmeira e usava vestido. Todavia na redacção grega G b, o vestido que S. Athanasio deu a S. Antonio é designado pelo nome de σολή (manto ou habito), e o que usava S. Paulo por στιχάριον. (Bidez, *Deux versions*, p. 25 e 31; Nau, *Le texte grec original*, nas *Analecta Bollandiana*, t. xx, p. 148, nota 9.)

(2) O primeiro dos instrumentos é designado pelo nome de δίκελλα em grego, ame em copto, e dequendeque em geez; e o segundo por πικρυς em grego, manjale em copto, e askafe em geez. Ambos designam instrumentos usados para cavar a terra, e differiam sómente na fórma.

farel? Se eu fosse ao meu mosteiro, quando trouxesse a enxada de dois bicos, voltaria no quarto dia, ainda que corresse.» E disse: «Meu Senhor Jesus Christo, se eu morresse agora com o teu amado e com o teu farnulo santo Pavli!»

88. E em quanto dizia isto, eis que vieram do deserto dois leões (1) correndo; e elle vendo-os, ficou aterrado; e depois d'isso elevou o seu pensamento para Deus, e permaneceu callado; e viu-os que se apressavam, como pomba que vôa; e elles tendo chegado, pararam onde estava o corpo do santo velho. E o abba Entones disse: «Eis que agora comerão o corpo do velho santo, e depois a mim.» E apoz isto os leões agitaram as suas caudas festejando ao abba Entones, e prostraram-se aos seus pés, nobres e temiveis, rangendo os seus dentes com grande respeito d'elle. E o bemaventurado abba Entones comprehendeu que as feras queriam ser abençoadas; e choravam por causa do fallecimento do velho santo abba Pavli. E depois d'isto os leões começaram a cavar com as suas mãos; e aprofundaram até que foi a altura de um homem; e agitavam as suas cabeças, e curvavam-se ao abba Entones; e lambiam as mãos e os pés d'elle, até que elle comprehendeu que as feras queriam ser abençoadas. E tendo comprehendido isto, ficou aterrado do grande respeito d'elle, e da gloria do poder de Deus, e do seu Filho unigenito, e do

(1) O P. Sicard conta que no principio do seculo xviii existia ainda no mosteiro de S. Paulo de Thebas (Deir Mar Bolos), fundado no sitio da gruta em que viveu o primeiro eremita, uma tradição ácerca dos dois tigres (em vez de leões), que cavaram a cova do santo; e que o episodio era representado nas paredes da sua igreja. (Bidez, *Deux versions*, p. xlv, nota 1). Provavelmente por cima das figuras dos dois animaes, estava escripta a palavra na mir, que significa leopardo, panthera e tigre, e que o P. Sicard tomou pelo ultimo.

seu Espírito Santo; assim como aquellas feras, que não eram da criação do homem, conheciam os servos de Deus. E o abba Entones disse: «Meu Senhor, eu digo: A folha da árvore não cairá sem ser tua vontade e tua determinação; e a ave não descera para a rede sem tua permissão.» E deu signal aos leões, e tocou-lhes com as suas mãos, e ordenou-lhes que se fossem embora.

23. E tendo-se ido os leões, tomou o corpo do bemaventurado Pavli, e o sepultou na terra, como é costume. E depois de um dia, como verdadeiro herdeiro segundo a lei, tomou a tunica do bemaventurado velho abba Pavli, que fez da dadiva que lhe foi dada por Deus (1); e o abba Entones voltou para o seu mosteiro; e chegou alli, e contou tudo aos seus discipulos, e os certificou de todas as cousas por sua ordem. E em cada festa da Paschoa e de Pentecostes o abba Entones vestia a tunica do abba Pavli, velho santo e bemaventurado, e fazia oração a Deus, tendo-a vestida.

Concluiu-se a narração do abba Pavli; a sua oração e a sua benção sejam connosco, e nos abençoe pelos seculos dos seculos. Amen.

E o abba Entones morava perto da cidade em um pequeno

(1) A tunica (em grego στιχάριον, e em copto xthên) de S. Paulo, que elle fez de fibras de palmeira (em grego αβρίων, em copto xenbeni). (Bidez, *Deux versions*, p. 33; Amélineau, *Histoire des Monastères*, p. 13-14; Peyron, *Lex. ling. copt.*, p. 288 e 24; *Actuarium*, p. 11; Butler, *The ancient Coptic Churches of Egypt*, t. II, p. 109-117). A versão ethiopica mostra que o seu auctor ignorava a significação da palavra αβρίων. Segundo a Synaxaria ethiopica (yakatit, 2) a tunica de S. Paulo era feita de folhas de palmeira: aba Pavli, indutus erat, lebsa za-saguera baqalt. (Dillmann, *Lex. ling. aeth.*, c. 1315).

retiro no ermo; e quando viu a belleza dos feitos do abba Pavli, o santo Entones disse: «Assim pois é que Deus faz aos seus servos, [que estão] no ermo; por meio das aves envia-lhes o alimento; e os anjos celebram a querman, e lhes a dão; e quando morrem, vêem os leões, e cavam a terra, onde é sepultado o seu corpo.» Isto pois tendo comprehendido o santo Entones foi para um ermo afastado, e morou alli. A oração do santo Pavli e a oração do abba Entones nos abençoem pelos seculos dos seculos. Amen.

Synaxaria coptica

Amxir 2

E neste dia é também a commemoração do santo anba Bula, o grande, o primeiro eremita. Este santo era da cidade de Alexandria, e o seu nome era Bulos; e elle tinha um irmão, que se chamava Batros. E depois que o pae d'elles repousou, assentaram partir entre si a herança; o seu irmão Batros pretendeu tomar a parte maior, e dava-lhe a menor. Por isso então o seu coração soffreu; e disse a seu irmão: «Porque é que não me dás o meu quinhão da herança de meu pae?» E [seu irmão] lhe respondeu: «Porque tu és mancebo, e dissiparás o que é teu; e eu o guardarei para ti.» Depois que entre elles houve estes discursos, foram a um juiz, para que julgasse entre elles. Quando elles caminhavam, encontraram o cortejo funebre de um morto; e o santo Bulos informou-se de um dos homens d'elle, o qual lhe disse: «Ó meu filho, este era um dos grandes d'esta cidade; e elle era possuidor de numerosos bens; e eis que os deixou, e o levam para a sua sepultura nesta tunica, que tem sobre si.» E o santo suspirou, e disse em seu animo: «O que tenho eu e os bens d'este mundo transitorio? Depois que os deixou, somos nós.» Depois voltou-se para seu irmão, dizendo-lhe: «Regressemos, ó meu irmão, a nossa casa; porque não te pedirei mais nada.» Depois o santo Bulos desviou-se de seu irmão, sem saber para onde ir; e saiu fóra da cidade, permaneceu em um sepulchro durante tres dias, pedindo ao Senhor Christo, que o dirigisse, de modo que lhe fosse agradável. Entre tanto seu irmão informou-se d'elle muitos dias; e quando não o en-

controu, entristeceu-se por isso de grande tristeza, e estava afflicto, pelo que lhe tinha dito inconsideradamente.

E quanto ao santo Bulos, succedeu que o Senhor lhe enviou um anjo, para que o tirasse d'aquelle logar; e marchou deante d'elle, até que chegou ao deserto oriental interior; e nelle habitou oitenta annos, sem ver nelle nenhum homem; e o seu vestido era uma tunica feita de fibras de palmeira; e succedia que o Senhor lhe enviava um corvo com metade de um pão. E quando o Senhor quiz manifestar a santidade d'elle, enviou um anjo ao grande Antonyos, quando no coração d'este se apresentava este pensamento: «Eu fui o primeiro que habitou no deserto.» E o anjo veio, e lhe disse: «Mais internado do que tu, ha um homem, por cuja santidade não é digno o mundo de ser calcado; e pela sua oração o Senhor envia a chuva e o orvalho sobre a terra; e o Nilo chega a seu tempo.» E quando Antonyos ouviu, levantou-se, e partiu entrando d'alli pelo deserto durante dois dias; e o Senhor o dirigiu para a gruta do santo Bulos, e nella entrou; e o santo Bulos o recebeu; e prostraram-se um ao outro, e conversaram sobre as grandezas de Deus. E quando foi a tarde, veio o corvo, e comsigo trazia um pão inteiro; e o anba Bula disse ao anba Antonyos: «Eu sei que tu és um dos servos de Deus, porque ha para mim oitenta annos, que o Senhor [me] envia meio pão em cada dia; e eis que o Senhor te enviou hoje o teu alimento. E entretanto vae depressa, e traze-me o manto, que Constantino deu ao arcebispo Atenasyos.» E o anba Antonyos partiu d'elle, e foi a Atenasyos, e tomou d'elle o manto, e voltou. E quando o anba Antonyos era no caminho, viu a alma do santo abu Bula, e os anjos subindo com ella. E o anba Antonyos chegou á gruta, e o beijou, e chorou; depois envolveu-o no manto, e tomou o cilicio feito de fibras de palmeira. E quando tomou a si o enterro d'elle, apresentaram-se-lhe dois leões; e puzeram-se a soprar com as suas ventas sobre o corpo, e

•

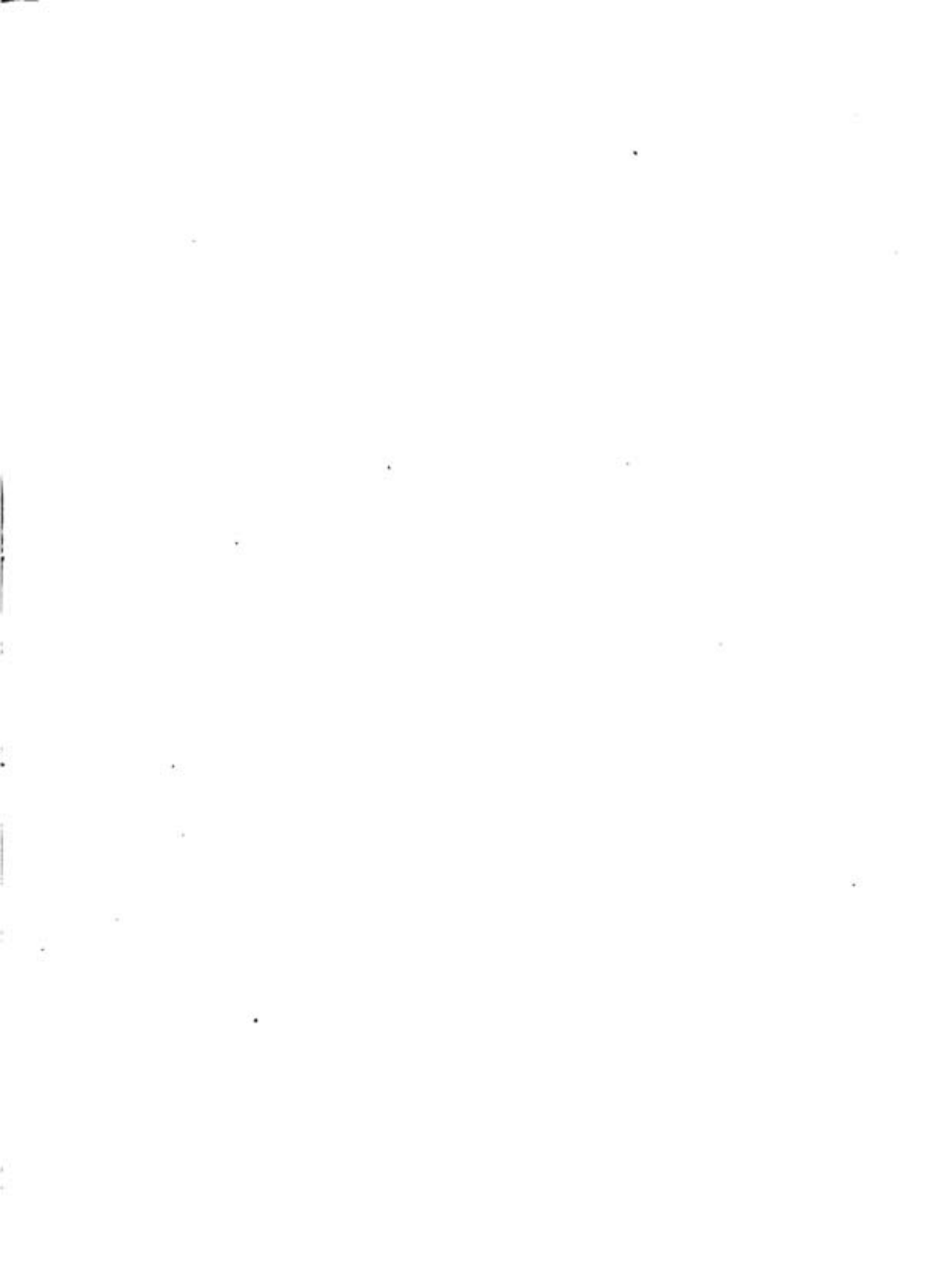
indicavam com a sua cabeça da mesma maneira, que se perguntassem o que haviam de fazer. Então elle comprehendeu que os dois leões eram enviados pelo Senhor; e mediu-lhes o espaço do comprimento do corpo; e elles cavaram com as suas garras, até que elle lhes disse que era bastante. Depois elle sepultou o corpo, e marchou [para o arcebispo a dar-lhe noticia. E este enviou gente e um carro] para que trouxessem o corpo. E elles andaram procurando a cova muitos dias, e não encontraram o logar; até que o santo appareceu ao arcebispo em uma visão, e lhe referiu que o Senhor não queria, que o corpo d'elle apparecesse, e não fatigasse as gentes. E o arcebispo mandou recado para que voltassem.

E quanto á tunica de fibras, o anba Antonyos vestia-a tres vezes no anno, e celebrava com ella os officios; e em um dos dias o Senhor quiz que os homens conhecessem a grandeza da tunica, e a collocaram sobre um morto, e este ergueu-se; e este milagre divulgou-se em toda a terra de Masr e de Alexandria. A sua oração nos guarde. Amen!

BIBLIOGRAPHIA

- Vita Sancti Pauli eremita auctore divo Hieronymo, Presbytero*, em H. Rosweydi, *Vitae Patrum*, Antuerpiae, 1615, p. 17-26.
- (Bollandus), *De Sancto Paulo Thebaeo, primo eremita, in Aegypto*, nas *Acta Sanctorum*, Januarii, t. I, Venetiis, 1734, p. 602-609.
- Vita Sancti Pauli, primi eremita*, em *S. Hieronymi opera omnia*, ed. Vallarsii, Veronae, 1735, t. II, col. 1-12.
- Idem, em Migne, *Patrologia latina*, t. XXIII, col. 17-28.
- Mathias Fuhrmann et Khell, *Acta sincera S. Pauli Thebaei*, Neostadii Austriae, 1760.
- Amélineau, *Histoire des monasteres de la basse Égypte*, nos *Annales du Musée Guimet*, vol. XXV, Paris, 1894, p. IV-XVII, e p. 1-14.
- P. Bedjan, *Acta Martyrum et Sanctorum*, Paris, 1895, t. V, p. 561-572.
- Analecta Bollandiana*, t. N, Bruxelles, 1883, p. 561-563.
- Bidez, *Deux versions grecques inédites de la Vie de Paul de Thèbes*, Gand et Bruxelles, 1900.
- Tillemont, *Mémoires pour servir à l'histoire ecclésiastique*, t. VII, Paris, 1705, p. 122-123, e 688-689.
- Nau, *Saint Jérôme hagiographe*, na *Revue de l'Orient chrétien*, v.^e année, Paris, 1900, p. 654-659.
- Nau, *Amatas disciple d'Antoine*, na *Journal Asiatique*, IX.^e série, t. XVI, Paris, 1900, p. 23-30.
- Nau, *Le texte grec original de la Vie de S. Paul de Thèbes*, nas *Analecta Bollandiana*, t. XX, Bruxelles, 1901, p. 121-157.
- Revue critique d'histoire et de littérature*, Paris, 1901, t. II, p. 86-88.
- D. Cuthbert Butler, *The Lausiac history of Palladius*, t. I, London, 1898, p. 231-232, e 285-286.
- Archive für katholischen Kirchenrecht*, 1898 e 1899.
- Egyptian Exploration Fund's Archeological Report*, 1899-1900, *Christian Egypt*, p. 4.
- Synaxarium, das ist Heiligen-kalender der Koptischen Christen*, ubersetzt. Wüstenfeld, Gotha, 1879, p. 276-278.

- Abû Sâlih, *The Churches and Monasteries of Egypt*, ed. Evetts, Oxford, 1895, p. 159-167, e 307.
- Al-Maqrizi, *Khitat*, ed. de Bulaq, 1270 da Hegira, t. II, p. 502.
- Wüstenfeld, *Macriŋis' Geschichte der Copten*, Göttingen, 1845, p. 88.
- (P. Sicard), *Nouvelles mémoires des missions du Levant*, t. V, Paris, 1725, p. 125-200.
- Vansleb, *Nouvelle relation d'un voyage fait en Égypte*, Paris, 1698, p. 300 e segs.
- Quatremère, *Mémoires géographiques et historiques sur l'Égypte*, t. I, Paris, 1811, p. 154-155, e 158.
- Isambert, *Guide en Orient*, t. II, Paris, p. 459-460.
- A. J. Butler, *The ancient Coptic Churches of Egypt*, t. I, Oxford, 1884, p. 341-348.
- Amélineau, *La géographie de l'Égypte à l'époque copte*, Paris, 1893, p. 124.
- R. P. M. Jullien, *L'Égypte, souvenirs bibliques et chrétiens*, Lille, 1891, p. 59-103.
- Fourteau, *Voyage dans la partie septentrionale du désert arabe*, no *Bulletin de la Société Khédiviale de géographie*, v.° série, n.° 9, Caire, 1900, p. 515.
- Égypte, Manuel du voyageur*, par K. Bädcker, Leipzig, 1898, p. 183.
- Codices Coptici Bibliothecae Vaticanae*, na *Scriptorum veterum nova collectio e vaticanis codicibus*, edita ab Angelo Maio, t. V, Romae, 1831, p. 114-170.
- Zoega, *Catalogus Codicum Copticorum manu scriptorum qui in Museo Borgiano Velitris adservantur*, Romae, 1810.
- Antoine d'Abbadie, *Catalogue raisonné de manuscrits éthiopiens*, Paris, 1859, p. 71.



DEC 28, 1931

June 9, '05

